

'
SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE BRASÍLIA - SPB

REGINALDO ROGÉRIO DIAS DA SILVA

FORMAÇÃO DE LIDERANÇA NA PLANTAÇÃO DE IGREJA

BRASÍLIA

2025

REGINALDO ROGÉRIO DIAS DA SILVA

FORMAÇÃO DE LIDERANÇA NA PLANTAÇÃO DE IGREJA

**Trabalho apresentado à disciplina de
Monografia como requisito parcial para
aprovação.**

**Orientador: Rev. D.Min. Diogo de
Freitas Silva.**

BRASÍLIA

2025

Agradeço a Deus pelo chamado irresistível. À minha amada esposa pelo apoio incondicional nessa caminhada. Às minhas doces filhas Lis e Isabela que são heranças do Senhor e futuras *miss(...)* missionárias. Sou grato a Deus pelo Mateus que está sendo gerado de forma assombrosa e maravilhosa. Aos meus pais e sogros por serem minha referência de fé, amor e generosidade. À minha irmã, cunhados e sobrinhos, pelas orações. Ao meu orientador pelas sábias instruções e paciência. Aos queridos irmãos da IP Alto que diligentemente têm ouvido e praticado a Palavra, glorificando a Deus com suas vidas e aos parceiros do PBSA e JMN.

Jesus se aproximou deles e disse: “Toda a autoridade no céu e na terra me foi dada. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinem esses novos discípulos a obedecerem a todas as ordens que eu lhes dei. E lembrem-se disto: estou sempre com vocês, até o fim dos tempos”. Mt 28.18-20 NVT

RESUMO

Este presente trabalho de pesquisa monográfica busca mostrar a importância na capacitação e correta formação da liderança de uma igreja Presbiteriana no contexto de sua plantação. Esse tema é imprescindível para quem deseja plantar uma igreja orientada pela Palavra de Deus e formar líderes influentes em suas comunidades. Por esse motivo, foram apresentados embasamentos encontrados no Antigo e Novo Testamento, numa abordagem teológica, na história da igreja ao longo dos séculos, numa abordagem histórica e, finalmente, em uma abordagem pastoral, buscando desenvolver na prática o assunto. Busca-se prioritariamente em Jesus, que é o centro das Escrituras, o Rei e Cabeça da Igreja, de forma direta ou por princípios que apontem para Ele, embasamentos para as diretrizes da formação da liderança na plantação de igrejas. O trabalho permeia os personagens considerados participantes diretos da aliança (Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi e Cristo), concluindo com o trabalho missionário de Paulo na difusão da aliança. Pretende-se que os leitores tenham, nesse estudo, ferramentas úteis e bem embasadas nas Escrituras para auxílio da formação da liderança servil no seu campo missionário ou em sua igreja desde o início da comunidade cristã, com as diretrizes apresentadas para o discipulado, objetivando sempre a glória de Deus no crescimento da igreja de Cristo.

Palavras-chave: Liderança; Formação; Plantação de Igrejas; Discipulado

ABSTRACT

This monographic research paper seeks to show the importance of training the leadership of a Presbyterian church in the context of its planting. This topic is essential for those who want to plant a church guided by the Word of God and form influential leaders in their communities. For this reason, foundations were presented in the Old and New Testaments, in a theological approach, in the history of the church over the centuries, in a historical approach and, finally, in a pastoral approach, seeking to develop the subject in practice. We look primarily to Jesus, who is the centre of the Scriptures, the King and Head of the Church, directly or through principles that point to him, as the basis for the guidelines for leadership training in church planting. The work goes through the characters considered to be direct participants in the covenant (Adam, Noah, Abraham, Moses, David and Christ), concluding with Paul's missionary work in spreading the covenant. It is intended that readers will have, in this study, useful tools well grounded in Scripture to help form servant leadership in their mission field or in their church from the beginning of the Christian community, with the guidelines presented for discipleship, always aiming at the glory of God in the growth of Christ's church.

Keywords: Leadership; Formation; Church Planting; Discipleship

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARA - Almeida Revista e Atualizada

Ap - Apocalipse

A.T. - Antigo Testamento

At - Atos

CFW - Confissão de Fé de Westminster

Cap - Capítulo

CI-IPB - Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil

Co - Coríntios

Cl - Colossenses

Cr - Crônicas

Dt - Deuteronômio

Ef – Efésios

Ex - Êxodo

Gn - Gênesis

Gl - Gálatas

Hb - Hebreus

Jo – João

Jr - Jeremias

KJV - King James Version

Lc - Lucas

Is - Isaías

Mt - Mateus

Mc - Marcos

N.T - Novo Testamento

Nm - Números

NVI - Nova Versão Internacional

NVT - Nova Versão Transformadora

Pe - Pedro

po - Posição

Sl - Salmos

Sm - Samuel

Rm - Romanos

Tm - Timóteo

V - Versículo

VV - Versículos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Problematização	11
1.2 Objetivos.....	13
<i>1.2.1 Objetivo Geral.....</i>	<i>13</i>
<i>1.2.2 Objetivo Específico.....</i>	<i>13</i>
1.3 Justificação.....	14
1.4 Metodologia.....	15
2. ABORDAGEM BÍBLICA TEOLÓGICA	16
2.1 Definições.....	16
<i>2.1.1 Aliança.....</i>	<i>16</i>
<i>2.1.2 Plantio de igreja.....</i>	<i>17</i>
<i>2.1.3 Líder e Liderança.....</i>	<i>18</i>
2.2 Princípios de liderança e igreja.....	20
<i>2.2.1 Princípios de liderança e igreja em Adão.....</i>	<i>20</i>
<i>2.2.2 Princípios de liderança e igreja em Noé.....</i>	<i>22</i>
<i>2.2.3 Princípios de liderança e igreja em Abraão.....</i>	<i>24</i>
<i>2.2.4 Princípios de liderança e igreja em Moisés.....</i>	<i>26</i>
<i>2.2.5 Princípios de liderança e igreja em Davi.....</i>	<i>31</i>

2.2.6	<i>Princípios de liderança e igreja em Cristo.....</i>	34
2.2.7	<i>Princípios de liderança e igreja em Paulo.....</i>	38
2.3	Considerações finais deste capítulo.....	41
3.	ABORDAGEM HISTÓRICA.....	43
3.1	As Confissões reformadas.....	43
3.1.1	<i>Análise e harmonia das confissões</i>	47
3.1.2	<i>Confissão de Guanabara.....</i>	54
3.2	Considerações finais deste capítulo.....	56
4.	ABORDAGEM PASTORAL E PRÁTICA.....	57
4.1	<i>Introdução ao discipulado.....</i>	57
4.2	<i>A pregação da Palavra de Deus.....</i>	58
4.3	<i>Oração na dependência do Espírito.....</i>	60
4.4	<i>Relacionamento com foco no discipulado.....</i>	62
4.5	<i>Conversão como premissa.....</i>	63
4.6	<i>O discipulado de Paulo como modelo.....</i>	63
4.7	<i>Confissões e Catecismos como modelo.....</i>	68
4.8	<i>Parceria acadêmica como suporte.....</i>	70
4.9	<i>A soberania de Deus na vocação e manutenção de líderes...</i>	71
5.	CONCLUSÃO.....	71
6.	Apêndice.....	74

6.1 Definição de escopo do trabalho.....	74
6.2 Sugestões de pesquisa relacionadas.....	74
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75

1. INTRODUÇÃO

Quem é o Rei e Cabeça da Igreja? Evidentemente que é Cristo Jesus o Senhor. A Confissão de Fé de Westminster, no capítulo XXX, e principalmente a Escritura Sagrada assegura que “Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia” (CI 1.18 ARA), Jesus é o Rei dos Reis e Senhor dos senhores e mesmo sendo o Deus todo poderoso instituiu, na Igreja, um governo pelas mãos dos oficiais que são os líderes da comunidade cristã. Por isso, a formação de liderança deve ser assunto dos sermões, deve ser ensinada e vivenciada nos discipulados desde a plantação da igreja, de maneira intencional. É evidente que o Governo da Igreja é tema central da Bíblia porque é sobre Cristo, o líder que serviu, e sobre quem ele chama para a liderança eclesiástica. O presente trabalho de pesquisa tem como propósito destacar a importância da capacitação e da formação adequada da liderança na plantação de igrejas presbiterianas, fundamentando-se nos ensinamentos bíblicos.

Atualmente, muitas igrejas lidam com a falta de liderança eficaz à luz da Palavra. Muitos líderes buscam apenas seus próprios interesses e estão distantes da liderança exercida por Cristo e pelos princípios norteadores encontrados na Escritura. Muitos plantadores buscam metodologias ou ferramentas administrativas, que o mundo considera efetivas, para a formação da liderança local, e esquecem que esses métodos estão corrompidos pelo pecado. O pragmatismo, definido por MacArthur (2016, p. 7) como “a noção de que o significado ou valor é determinado pelas consequências práticas”, tem sido usual no meio cristão como um critério de validação de resultados. No entanto, como presbiterianos e cristãos reformados, é imperativo afirmar que “somente a Escritura é a regra inerrante para a vida da igreja”, conforme a Declaração de Cambridge (1996), devendo ser a principal fonte de orientação na busca por princípios de liderança eclesiástica. Sabe-se que “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”. O versículo continua mostrando a finalidade da inerrante Palavra nesse contexto; “a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.” (2 Tm 3.16 ARA).

Dessa forma, esta pesquisa visa oferecer ferramentas práticas e

fundamentadas nas Escrituras objetivando que leitores possam aplicar essas diretrizes de maneira eficaz em seus contextos eclesiais e missionários, sendo capacitados pelo Senhor, perfeitamente habilitados, para cumprir a Sua obra.

1.1 Problematização

A formação de lideranças cristãs enfrenta desafios significativos no contexto contemporâneo, especialmente no que diz respeito à plantação de igrejas. Despertar, capacitar, desenvolver e treinar lideranças são passos essenciais nesse processo, conforme afirma Anyabwile (2015, p.9), e representam ações fundamentais para o êxito de qualquer comunidade de fé. O autor ressalta que “uma igreja sem líderes piedosos é uma igreja em perigo. E uma igreja que não treina outros líderes é uma igreja infiel. [...] Sem a existência de uma liderança piedosa, fiel e que se multiplique, a igreja sofrerá profundamente.”

Esses problemas são ainda mais acentuados quando se observa as dificuldades específicas enfrentadas pelas igrejas em plantação. Entre os desafios mais recorrentes está a escassez de pessoas dispostas e capacitadas para a liderança, o que frequentemente se reflete na falta de um conhecimento sólido das Escrituras e da doutrina reformada entre os novos líderes. A escassez de homens nas igrejas, especialmente em contextos de plantação, representa um obstáculo significativo. Mesmo entre os presentes, muitos relutam em assumir responsabilidades que exigem sacrifício pessoal e espiritual, evitando compromissos que demandem liderança servil e dedicação constante à obra de Deus.

Outro aspecto crucial é a falta de líderes piedosos e fiéis, capazes de ensinar, persuadir e influenciar suas comunidades, especialmente no delicado contexto inicial de um campo missionário. Além disso, quando é possível a formação do corpo de oficiais, surgem conflitos dentro da própria liderança, o que revela a presença do pecado, mesmo entre o povo eleito de Deus. Isso prejudica o cuidado com as ovelhas, uma vez que muitos não compreendem que ser um líder é, antes de tudo, ser um servo-pastor das ovelhas de Cristo. MacArthur (2024) defende que:

[...] todo líder de igreja é um pastor. A palavra pastor significa *alguém que cuida de ovelhas*. Esta é uma figura muito apropriada. Um pastor guia,

alimenta, fortalece, consola, corrige e protege. Essas são responsabilidades de todo líder de uma igreja. [...] “O maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lc 22.26). O próprio Senhor Jesus serviu como modelo para nós, quando se inclinou para lavar os pés dos discípulos — uma tarefa que habitualmente era realizada pelos servos mais inferiores (Jo 13). Se o Senhor do universo agiu assim, nenhum líder de igreja tem o direito de pensar que é um mandachuva.

De forma resumida, MacArthur está expressando que todo líder da Igreja do Senhor deve cuidar do rebanho com humildade e dedicação, como Jesus ensinou ao lavar os pés dos discípulos e não por busca de status ou desejo de ser o monarca da igreja em plantação. Ele apresenta a definição de um líder e como ele deve se portar, olhando para o exemplo maior, Cristo. Aqueles que lideram o povo de Deus devem lembrar quem é o Supremo Pastor e serem exemplos de humildade, sacrifício e devoção como o apóstolo Pedro alertou, lembrando que presbíteros, anciãos, eram os líderes da Igreja da época:

Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo como alguém que participará da glória a ser revelada: pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que foram confiados a vocês, mas como exemplos para o rebanho. Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória. (1Pd 5.1-4 NVI)

Além dos desafios relacionados à formação de líderes, os plantadores de igreja comumente enfrentam dificuldades estruturais, como a falta de recursos financeiros, de apoio institucional, de infraestrutura e, muitas vezes, a falta de apoio comunitário e de pessoas. Essas carências tornam o processo de plantação árduo, exigindo um esforço ainda maior dos líderes. Após esse breve panorama, surgem questionamentos fundamentais: os homens de uma congregação, no contexto de plantio, compreendem plenamente o seu chamado à liderança? De que forma eles podem ser capacitados, discipulados e instruídos segundo os princípios das Escrituras? Como podem desenvolver um modelo de liderança que reflita o caráter de Cristo? Estas são as questões centrais que este trabalho busca responder,

visando contribuir para uma formação de líderes alinhada à Palavra de Deus e às necessidades do contexto contemporâneo de plantação de igrejas.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Um cristão reformado poderia afirmar que o objetivo deste trabalho é glorificar o nome do Senhor, fundamentando-se na primeira pergunta do Catecismo Maior de Westminster. Essa afirmação reflete a intenção central da pesquisa. Ademais, esta monografia propõe-se a auxiliar plantadores de igrejas na formação e condução da liderança servil. Através dessa abordagem, espera-se oferecer diretrizes práticas e teológicas que fortaleçam a atuação dos líderes na edificação da comunidade cristã, principalmente usando o discipulado.

Outro objetivo é auxiliar os Plantadores de igrejas, Presbitérios, Pastores, Seminaristas, Evangelistas, Missionários no desafiante início dos trabalhos de plantio de uma congregação. Visando o crescimento de igrejas sadias biblicamente e gerando líderes eficazes que refletem Jesus Cristo.

1.2.2 Objetivo Específico

Os objetivos específicos estão alinhados com o objetivo geral, mas aprofunda-se no detalhamento. São listados a seguir:

1. Analisar a Vida e Obra de Líderes Bíblicos do A.T. e N.T., examinando à luz da Escritura, destacando princípios de igreja e liderança que apontam para Cristo e que podem ser aplicados à plantação de congregações;
2. Pesquisar historicamente sobre o Governo da Igreja, instituição de oficiais e liderança cristã no plantio de novas comunidades de fé, utilizando a Confissão de Fé de Westminster e outras confissões reformadas;
3. Desenvolver um conjunto de diretrizes práticas e pastorais para que os plantadores de igrejas possam orientar-se ao selecionar e formar líderes, com base em princípios bíblicos. Fomentando um modelo de liderança servil em

um plano de discipulado.

1.3 Justificação

A escolha do tema justifica-se pela necessidade observada e vivenciada de capacitar lideranças no contexto desafiador da plantação de igrejas. É notório que o evangelho expande na plantação de novas igrejas, mas exige uma liderança centrada na Palavra para enfrentar os diversos desafios de continuidade do trabalho. A história bíblica mostra que Jesus, durante seu ministério terreno, formou líderes improváveis, como pescadores e publicanos, cobradores de impostos, os quais, após sua ascensão, foram guiados pelo Espírito Santo para liderar a igreja e cumprir o mandamento de fazer discípulos (Mt 28.19-20; At 1.8). Esse modelo continua relevante, pois Cristo chama a seguir seu exemplo, exercendo e formando uma liderança que possa conduzir a igreja de maneira fiel aos ensinamentos das Escrituras.

No contexto da plantação de igrejas, a liderança servil, que é a marca do ministério de Cristo (Mc 10.45), deve ser a base sobre a qual os líderes se sustentam. A liderança cristã não é meramente pragmática, mas fundamentada em princípios teológicos sólidos e na dependência do Espírito Santo, conforme revelado nas Escrituras. A formação de líderes servos é essencial para que as igrejas sejam estabelecidas de maneira saudável, com uma visão centrada no evangelho e comprometida com o crescimento espiritual e a missão de Deus no mundo.

Para assegurar a profundidade e solidez do conteúdo, além das Escrituras Sagradas, será realizada uma análise fundamentada nos ensinamentos da Confissão de Fé de Westminster (CFW), um dos documentos teológicos mais influentes do período da reforma e atualmente, e outros documentos confessionais reformados, bem como em exemplos históricos de liderança extraídos da história da igreja. Portanto, este trabalho visa apresentar uma abordagem sucinta, fundamentada nas Escrituras e relevante para a área específica da plantação de igrejas. A contribuição oferecida pretende ser tanto teológica quanto prática, capacitando a formação de líderes aptos a enfrentar os desafios contemporâneos,

alicerçados nos princípios bíblicos e na herança doutrinária da tradição reformada.

1.4 Metodologia

A Metodologia aplicada nesta pesquisa será a descritiva, buscando embasamentos em pesquisas bibliográficas que produzem solidez para as argumentações. Temas que contribuem para o assunto já justificado foram analisados e catalogados para participar do diálogo com o texto escrito. Importante mencionar que este presente trabalho situa-se no campo da Teologia Sistemática, mais especificamente Eclesiologia, permeando também a área de Missiologia. Portanto, livros, artigos e blogs de referências nesses campos e especificamente em formação de liderança e plantio de igrejas foram lidos e devidamente inseridos nesse estudo de caso. A Escritura Sagrada, prioritariamente, e a CFW foram os balizadores dos demais escritos utilizados.

Este trabalho busca, de forma intencional, que cada análise teológica aponte para Cristo, reconhecendo-O como o centro de toda a Escritura. O próprio Cristo, no caminho para Emaús, chamou os discípulos que não enxergaram o Messias nas Escrituras de “insensatos” e “tardos de coração” (Lc 24.25-27). Esse episódio revela a centralidade de Jesus em toda a narrativa bíblica, de Gênesis a Apocalipse, como o Deus-Homem, o centro de cada um dos 66 livros. Cristo é apresentado com múltiplos atributos: o Líder humilde, o Profeta, o Sumo Sacerdote e o Rei soberano, e a totalidade da Escritura converge para Ele.

Por fim, este trabalho visa glorificar aquele que é digno de toda adoração, o Deus trino, fundamentando-se na verdade expressa por Fontes (2017, p. 9): “você educa de acordo com o que adora.” Esse princípio reforça a importância de centralizar o ensino na adoração trinitária. Ademais, propõe-se uma aplicação prática e pastoral de todo o conteúdo pesquisado, estruturada em um formato de discipulado, com o objetivo de capacitar outros a viverem e ensinarem segundo os princípios revelados nas Escrituras.

CAPÍTULO I

2. ABORDAGEM BÍBLICA TEOLÓGICA

2.1 Definições

2.1.1 Aliança

Os personagens pesquisados, nesta abordagem bíblica teológica, são participantes diretos da aliança: Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi e Cristo, tendo em Paulo o difusor da aliança. Este tema é central na Teologia Bíblica e importante assunto tratado pelos reformadores, inclusive na CFW, que aborda a doutrina do pacto (aliança) no capítulo VII, *do Pacto de Deus com o homem*:

I. Tão grande é a distância entre Deus e a criatura, que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência como seu Criador, nunca poderiam fruir nada dele, como bem-aventurança e recompensa, senão por alguma voluntária condescendência da parte de Deus, a qual agradou-lhe expressar por meio de um pacto. II. O primeiro pacto feito com o homem era um pacto de obras; nesse pacto foi a vida prometida a Adão e, nele, à sua posteridade, sob a condição de perfeita e pessoal obediência. III. Tendo-se o homem tornado, pela sua queda, incapaz de ter vida por meio deste pacto, o Senhor dignou-se a fazer um segundo pacto, geralmente chamado o pacto da graça; neste pacto da graça ele livremente oferece aos pecadores a vida e a salvação através de Jesus Cristo, exigindo deles a fé, para que sejam salvos, e prometendo o seu Santo Espírito a todos os que estão ordenados para a vida, a fim de dispô-los e habilitá-los a crer.

Estudiosos do tema, como Van Groningen (2003, p.59), defendem que “a revelação da relação pactual é orgânica, isto é, essa revelação escrita não foi dada de uma só vez na forma plena que temos hoje.” Ela acontece de forma embrionária em Adão e é chamada pela CFW de *pacto de obras*. Este nome não é consenso entre os comentaristas do assunto, mas será usado seguindo a nomenclatura da CFW. No livro *O Cristo dos Pactos*, Palmer Robertson (2009, p.7-14) defende que pacto é uma aliança e denomina o pacto de Deus com Adão como *aliança do começo*, de Deus com Noé como *aliança da preservação*, a abraâmica como *aliança da promessa*, a mosaica como *aliança da Lei*, a davídica como *aliança do reino* e a de Cristo como a *aliança da consumação*. Robertson define este conceito pactual

dizendo que "Aliança é um pacto de sangue soberanamente administrado. Quando Deus entra em relação de aliança com os homens, ele institui de maneira soberana um pacto de vida e morte". Aliança, portanto, é aquilo que une pessoas e estabelece compromisso entre as partes, não necessariamente entre partes iguais. Discorrendo sobre o "pacto de sangue", o autor defende que é o pacto de vida e morte expressando "o caráter absoluto do compromisso entre Deus e o homem", no contexto aliancista. Na definição deste conceito, Robertson finaliza dizendo que "o soberano Senhor do céu e da terra dita os termos de sua aliança." O conceito de pacto mostra a magnitude desse compromisso, indicando que a relação entre Deus e os homens é carregada de implicações eternas. Dessa forma, a doutrina da aliança revela a fidelidade divina e seu propósito redentivo ao longo da história da salvação, culminando em Cristo, o mediador e cumpridor da nova e superior aliança. Ao examinar a relação pactual nas Escrituras, Horton (2010, p. 62) defende que há uma distinção entre a maioria das alianças bíblicas, estabelecidas por Deus com os homens, e a aliança da redenção, chamada em Hebreus de "superior aliança", que é o "pacto eterno entre as pessoas da Trindade. O Pai elege um povo ao Filho, o Filho vem ao mundo como cumpridor da aliança e mediador, cada eleito do povo de Deus será levado à fé salvadora por meio do Espírito".

Este trabalho envolve personagens considerados participantes diretos do pacto de Deus com os homens, buscando princípios de igreja e liderança, apontando para o cumprimento de forma perfeita em Cristo que é o mediador de "superior aliança", concluindo com o trabalho missionário de Paulo, na plantação de igrejas, formação de líderes e difundindo a aliança.

2.1.1 Plantio de igreja

Na visão reformada, o plantio de igrejas é resultado da soberania de Deus que elegeu pessoas de todos os povos, línguas, tribos e nações através da sua graça manifestada na obra de Cristo na cruz do Calvário. Este processo é considerado a maneira mais eficaz de perpetuar o evangelho em uma região, exercendo uma influência profunda sobre a geração atual e as futuras. Lidório (2019) expõe que essas pessoas são ajuntadas "em igrejas locais centradas na

Palavra, comunhão, adoração, oração e missão, encorajadas pelo Espírito Santo, debaixo do seu poder e para a sua própria glória” (Ef 2.1-10; At 2.42-47; Ap 5.9; Rm 16.25-27). Ainda sobre o termo, ele acrescenta:

Os termos “plantio” ou “plantação” igualmente se referem ao processo de semeadura de um campo na expectativa de que a planta germine e, desde o século 19, tem sido usado seu correlativo em inglês (*church planting*) para indicar a evangelização local com a intenção de ver a graça de Deus convertendo indivíduos que venham a se reunir formando igrejas locais. Outros termos usados para essa prática cristã são “formação” ou “organização” de igrejas. Sugiro que se evite o termo “implantação”, que sugere algo bem diferente, impositivo ou forçado.

Portanto, o plantio de igrejas é uma estratégia eficaz para garantir que o evangelho avance e permaneça em uma região por várias gerações. Na perspectiva reformada, esse processo é visto como resultado da soberania de Deus, que reúne seus eleitos em igrejas locais, centradas na Palavra e na missão, sustentadas pelo Espírito Santo. O termo “plantio” refere-se à evangelização com o objetivo de formar novas igrejas, sendo preferível ao termo “implantação”, que pode sugerir um processo forçado ou impositivo. É necessário fazer uma ressalva: embora a formação de liderança nas iniciativas de plantação de igrejas seja importante para o avanço do Reino, o Evangelho ocupa uma posição de primazia. A pregação fiel da Palavra de Deus deve ser a prioridade fundamental, seguida pela formação de líderes, conforme argumenta McKinley (2024).

2.1.2 Líder e Liderança

Encontram-se variadas definições de liderança entre os renomados escritores mundiais. John Stott (2005, p.9) apresenta o líder como “alguém que comanda um grupo de seguidores” e acrescenta que “liderar é ir adiante, mostrar o caminho e inspirar outras pessoas para que o sigam.” John C. Maxwell, no seu *best seller* “As 21 irrefutáveis leis da liderança” (2000, p.37), resume em um termo: “influência”. Embora elabore 21 princípios sobre a arte de liderar, ele defende que “liderança é influência - nada mais, nada menos”. Ronaldo Lidório (2008, p.83)

parece concordar com Maxwell e Stott quando diz que “o líder possui uma visão definida e influenciam pessoas a seguirem em tal caminho”.

Paul Tripp (2022, p.120) verbaliza que “a liderança na igreja de Jesus Cristo não é apenas uma batalha pela fidelidade teológica, pureza evangélica e integridade metodológica; ela também é sempre uma guerra pelo coração de cada líder”. Em um contexto mais próximo do que se pretende nesta monografia, Samuel Costa (2006, p.19) define liderança cristã eficaz como “aquela que não perde o compasso com seu tempo, por isso, o compreende, o traduz corretamente e consegue comunicar o Evangelho do Senhor adequadamente.” Liderança, no contexto congregacional, é influenciar pessoas, persuadir em relação ao Evangelho de Jesus Cristo com total dependência do Espírito Santo, seguindo um processo de santificação. Essa liderança deve ser exercida, e ensinada nos discipulados com os líderes em potencial, neste escopo, presbíteros e diáconos conforme o Manual Presbiteriano (2019, p. 66s) desde os primeiros passos de um plantio de uma igreja.

Este estudo também propõe uma exploração dos princípios da liderança, apresentados no Antigo Testamento, permeando os personagens principais com os quais Deus fez aliança culminado em Jesus. Em seguida, será realizada uma análise de alguns princípios norteadores utilizados por Paulo. Ao abordar temas como liderança cristã, formação de líderes na igreja ou plantação de igrejas, é comum que os autores façam referência à vida e obra do apóstolo Paulo como um ponto de referência central. A análise da trajetória de Paulo é fundamental para a compreensão desses tópicos à luz das Escrituras, uma vez que ele exemplifica muitos dos princípios de liderança que se deseja investigar para aplicação atual.

Em suma, liderança é influência. No contexto da igreja, a liderança é compreendida como a capacidade de guiar pessoas na fé e comunicar o evangelho de forma eficaz e culturalmente relevante, sempre dependente do Espírito Santo e focada no processo de santificação. O estudo explora a liderança e o discipulado para presbíteros e diáconos no contexto do plantio de igrejas, baseando-se em princípios de liderança do A.T. e N.T. que fornecem diretrizes essenciais para a aplicação dos conceitos na prática contemporânea.

2.2 Princípios de igreja e liderança

2.2.1 Princípios de igreja e liderança em Adão

A Escritura, e somente a Escritura, constitui a regra inerrante para a vida da Igreja. O lema dos reformadores, expresso por meio dos princípios da *Sola Scriptura* e *Tota Scriptura*, oferece a segurança de sua suficiência abrangente, desde Gênesis até Apocalipse, permitindo-se buscar, na Palavra de Deus, ensinamentos, princípios e diretrizes aplicáveis a todas as áreas da vida cristã. Por esse motivo, desbrava-se princípios sobre igreja e liderança, em uma análise bíblica e teológica, a partir do Jardim do Éden, defendido como o primeiro templo de Deus, conforme descrito por Chung (2019, p. 47). O Éden pode ser visto como um local de adoração perfeita ao Senhor antes da Queda, onde Adão tinha acesso direto ao Pai, especialmente na viração do dia (Gn 3.8). Sproul (2017, p.374-375) também defende que a igreja tem suas raízes lá no Éden. “Adão e Eva, na adoração direta que ofereciam ao seu Criador, eram a igreja.” Ele conclui que “onde achamos pessoas que creem em Deus para sua salvação por meio de Cristo (ou, no caso dos santos do Antigo Testamento, na promessa de Cristo), ali achamos a igreja.”

Deus fez uma aliança com Adão e estabeleceu mandatos para a humanidade que são divididos por Van Groningen (2002, p.90) em *mandato cultural*, *mandato social* e *mandato espiritual* ou de *comunhão*. Quanto ao *cultural*, “era para o homem e a mulher exercitarem suas prerrogativas reais governando sobre os cosmos, desenvolvendo-o e mantendo-o”, fundamentando-se em Gênesis 1.28. Em relação ao *social*, o autor defende que “fala das relações sociais”, baseando-se em Gênesis 2. 21-24, e que “mandato pôde ser dado porque Deus criou a humanidade à sua imagem e semelhança como macho e fêmea. O relacionamento tinha que ser visto como um de igualdade diante de Deus”. Groningen denomina o terceiro mandato como *comunhão* que:

deveria ser exercida no andar com Deus diariamente, conversar intimamente com ele e expressar amor, honra, devoção e louvor enquanto se fosse enfrentando os desafios e privilégios de cada dia. A cada sétimo dia, esta comunhão deveria ser expressa da maneira mais completa e rica possível.

Quanto à liderança do homem na terra, Waltke (2010, p.78) salienta que “À humanidade é dada um duplo *mandato cultural*: encher a terra e governar a criação como reis benevolentes (Gn 9.2; Sl 8.5-8; Hb 2.5-9)”. O autor salienta que o governo pode ser feito sobre os animais (Gn 1.28), sobre todas as plantas (Gn 1.29), mas não sobre os poderes celestiais, especialmente satanás (Ef 6.10-12). Outro princípio relacionado a Adão, é o chamado a *cultivar* e *guardar* a criação (Gn 2.15). Chung (2019, p. 56s), comentando sobre o verbo *Abad* “cultivar”, mostra que seu sentido primário é de trabalhar e servir. Ele continua dizendo que o verbo junto com *Shamar* “guardar” é usado no contexto dos levitas servindo no tabernáculo e no templo. Demonstra-se que o chamado de Deus para Adão era de um líder que servisse. Chung conclui que “de fato Adão era o sumo sacerdote de Deus”, evidenciando uma total relação com o local de culto. Esta é a igreja “*menor de idade*”, como interpretou Waters (2018, p.23) à luz da CFW, se referindo ao termo tutela.

Comentando sobre os descendentes de Adão e sobre o *protoevangelho*, primeira vez que o evangelho é mencionado (Gn 3.15), Edmund (2023, p. 46) defende que o nome “Sete”, filho de Adão e Eva, tem relação com o verbo *designar* ou *estabelecer*, e ele foi a semente no lugar de Abel (Gn 4.25), tendo total relação com o primeiro anúncio do evangelho. “Esse é o verbo usado na promessa divina: ‘[Estabelecerei] inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a semente dela’ (Gn 3.15 KJV)”. Ele continua afirmando que “Eva não está meramente se alegrando ao dar à luz outro filho para substituir Abel, mas que o foco é a promessa de Deus e o enaltecimento da fidelidade divina.” Da semente de Sete viria Cristo, o cumprimento da promessa. Jesus é o último e perfeito Adão que livra os eleitos do poder da morte que o pecado do primeiro Adão provocou. “Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo.” (Rm 5.17 ARA).

Finalmente, observa-se outro princípio de liderança, mesmo que em estágio de semente, após serem expulsos do Jardim. Constata-se a passagem do legado, provavelmente de forma orgânica, acerca da forma de oferta ao Senhor e no mandato cultural, ensinando como administrar os recursos da terra (Gn 4.2-4) e que

foram executados por Caim e Abel. Posteriormente, foi transmitido para Sete e Enos onde se “começou a invocar o nome do Senhor” (Gn 4.26).

Em suma, observa-se que, como princípio de Igreja, o Jardim do Éden foi o primeiro templo e local de adoração a Deus, estabelecendo um espaço sagrado para a comunhão com o Criador. E como princípios de liderança, contempla-se a liderança servil, o governo sobre a criação por meio do *mandato cultural*, *mandato social* e *mandato espiritual* ou de *comunhão* e a responsabilidade de passar o legado adiante. Esses princípios encontram sua plena realização em Cristo, o último Adão, que veio para livrar os eleitos do poder da morte. Cristo é o Templo-Jardim, a semente da mulher que, ao pisar na cabeça da serpente, realiza a vitória final sobre o mal, cumprindo a promessa de restauração e salvação para toda a humanidade.

2.2.2 Princípios de igreja e liderança em Noé

Ainda em Gênesis, encontra-se a narrativa de Noé que também apresenta fortes elementos de liderança e em um contexto de graça e juízo. Segundo Graeme (2013, p.229), “a história de Noé é mais do que uma história de fé obediente, porque é parte do quadro maior que retrata Deus preservando um povo para si mesmo, numa linha direta para Abraão, para Davi e para Cristo.” Noé foi chamado por Deus para construir a arca, liderança instituída pelo Senhor, conforme Kidner (2017, p.87), que serviu como abrigo e meio de salvação para sua família e para os animais (Gn 6.13-22). Coxe e Owen (2020, p.91) mostram a retidão e obediência de Noé que culminou na salvação de sua família, mas também traz uma aplicação escatológica do que ainda virá como juízo:

Depois de ser advertido, Noé construiu a arca através de instruções especiais de Deus, para sua salvação e de sua família, que consistia em oito almas (1 Pedro 3. 20). Isso proporcionou a todos eles uma salvação temporal do dilúvio das águas pelo qual Deus, em sua ira, destruiu um mundo desobediente. Isso também foi útil ao servir como um tipo para instruí-los acerca da redenção do homem do dilúvio da vingança divina que seria derramado posteriormente em ira eterna sobre o mundo dos incrédulos.

Comentando sobre a arca, Kidner (2017, p.83) expressa que “a porta tem uma importância óbvia, literalmente e como símbolo. O Senhor produziu grande efeito com essa figura na metáfora do aprisco” (Jo 10.1-9). Inferindo que Cristo é a porta e quem entrar será salvo. Interessante ver a soberania de Deus fechando a porta e, conseqüentemente, determinando quem entra: “eram macho e fêmea os que entraram de toda carne, como Deus lhe havia ordenado; e o SENHOR fechou a porta após ele.” (Gn 7.16 ARA).

Após o dilúvio, Noé ofereceu sacrifícios ao Senhor (Gn 8.20), Waltke (2010, p.193) descreveu esse momento como sendo protótipos dos sacerdotes de Israel e seus sacrifícios, prefigurando Cristo, o Sumo Sacerdote. Para Waltke (2010, p.171), o primeiro ato de Noé após sair da arca é adorar a Deus e pelo sacrifício oferecido, o Senhor decide não mais destruir a terra a despeito do pecado humano. Coxe e Owen (2020, p.91) também concordam com essas afirmações quando dizem:

O mesmo se pode dizer da arca de Noé. Ela era tanto um tipo de Cristo (como a arca no santuário judaico) ou da igreja que pode ser vista como que guardada com a sua salvação, o que, afinal de contas, é a mesma coisa. Esse tipo é concedido de maneira mais vívida pela forma da estrutura que Deus ordenou, e também pelo uso incomum das instruções dadas para garantir a preservação daqueles que entrariam na arca.

Portanto, a passagem bíblica sobre Noé e o livramento concedido por Deus a ele, sua família e aos animais revela princípios valiosos de liderança servil. Noé se destaca por sua dedicação a Deus e ao chamado que recebeu, assumindo a responsabilidade de proteger sua família e preservar a criação. Como um líder servil, ele obedeceu às instruções divinas, proporcionando um local de salvação para a sua família e a sociedade de sua época, ainda que esta o rejeitasse. Kidner (2017, p. 94-95), comentando sobre este período, afirma que “o homem continua sendo vice-rei do céu,” semelhante a Adão, embora o pecado tenha obscurecido essa posição. A esperança é demonstrada nesta “primeira aliança explícita”, notável por sua amplitude, generosidade, graça e unilateralidade, características que refletem atributos do Criador.

Em suma, observa-se que, como princípio de Igreja, Noé ofereceu sacrifícios e adorou ao Senhor, atos relacionados ao culto que se realizaria no templo que viria. A arca, como um santuário judaico, foi o local de salvação durante o dilúvio, simbolizando a proteção divina. E como princípios de liderança, percebe-se a liderança familiar, a liderança servil e a liderança do culto, onde Noé assume o papel de sacerdote, oferecendo sacrifícios e conduzindo a adoração. Esses princípios se conectam com Cristo, que é a arca, a porta estreita e o único meio de salvação. Noé, como protótipo do sacerdote, aponta para Cristo, o Sumo Sacerdote, que, assim como Noé foi descrito como "pregador da justiça" (2 Pedro 2:5), Cristo é o pregador supremo da Justiça, aquele que salva os Seus e condena os ímpios.

2.2.3 Princípios de igreja e liderança em Abraão

Abraão exerceu um papel de liderança ao obedecer a ordem do Senhor e guiar sua família em uma jornada de fé, não sabendo qual seria o destino exato, como mostra essa passagem bíblica:

Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra. Partiu, pois, Abrão, como lho ordenara o SENHOR, e Ló foi com ele. Tinha Abrão setenta e cinco anos quando saiu de Harã. Levou Abrão consigo a Sarai, sua mulher, e a Ló, filho de seu irmão, e todos os bens que haviam adquirido, e as pessoas que lhes acresceram em Harã. Partiram para a terra de Canaã; e lá chegaram. (Gn 12.1-5 ARA)

Observa-se um papel claro de liderança na vida de Abrão, instituído pela soberana vontade de Deus, ao conduzir sua família para uma terra que o Senhor iria mostrar, retirando-a de uma parentela idólatra, conforme expressa Josué 24.2; "Antigamente, vossos pais, Tera, pai de Abraão e de Naor, habitaram além do Eufrates e serviram a outros deuses." Abraão foi um grande líder e isto perdurou por toda a história de Israel, sendo considerado o grande pai Abraão – grande líder de Israel. Embora idoso e sem filhos, ele recebeu a promessa divina de que seria feito

pai de uma grande nação. Waltke (2010, p.246), sabiamente diz: “a mesma palavra que chamou o cosmos à existência agora chama Abraão a trazer uma nação à existência”. A Bíblia mostra que ao longo de sua vida de fé, Abraão construiu altares, estabelecendo marcos de adoração a Deus (Gn 12.7-8; 13.18; 22.9). Calvino comentando Gênesis 12.7-8 disse:

Abrão, da doutrina geral da religião, abriu para si um santuário celestial, por meio de sacrifícios, para que ele pudesse adorar a Deus corretamente. Mas sabemos que Deus nunca foi apaziguado pelo sangue de animais. Portanto, segue-se que a fé de Abrão foi direcionada ao sangue de Cristo.

Abraão mostra outro princípio importante de liderança quando intercede pelos seu sobrinho Ló e família que moravam em Sodoma (Gn 18.2-33), além de resgatá-lo em outra nação, e por interceder também por Abimeleque (Gn 20.17), como mostra Edmund (2023, p. 51), ele foi abençoado porque podia invocar o nome do Senhor e abençoar outros. “Como era amigo de Deus, o próprio Deus tornou seu nome grande, e ele testemunhou acerca do grandioso nome de Deus.”

A alegria chegou, o filho prometido nasceu na improvável família de idosos, Isaque cresceu e, em um dos episódios mais marcantes das Escrituras, Abraão, em obediência a Deus, preparou-se para sacrificar seu filho. Quando Isaque perguntou onde estava o cordeiro, Abraão, em um ato de fé, respondeu: "O Senhor proverá" (Gn 24.14). Tanto Moisés quanto o autor de Hebreus relatam esse momento dramático na história da redenção: "Chegaram ao lugar que Deus lhe havia designado; ali edificou Abraão um altar, sobre ele dispôs a lenha, amarrou Isaque, seu filho, e o deitou no altar, em cima da lenha" (Gn 22.9). E "Pela fé Abraão, sendo provado, ofereceu Isaque; aquele que acolheu as promessas de Deus estava a ponto de sacrificar o seu único filho" (Hb 11.17). Quando levantou sua mão para matá-lo, foi impedido pelo anjo do Senhor. Abraão cria que Deus era poderoso para ressuscitar Isaque dentre os mortos (v.19), para o cumprimento da promessa de fazê-lo pai de uma grande nação.

Olhando para esse patriarca, buscando ver Cristo e a igreja, pode-se acompanhar o raciocínio de Alexander e Rosner (2009, p.205) que verbaliza; “a promessa de que por meio da descendência de Abraão todas as nações da terra

seriam abençoadas foi considerada cumprida por Cristo e a igreja” (Rm 4.16-18; Gl 3.6-9,16). Também constata-se no Novo Testamento o cumprimento claro em Cristo “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como falando de muitos, mas como de um só: **E ao teu descendente, que é Cristo**” (Gl 3.16 grifo nosso). Edmund (2023, p. 66) conclui sobre a história desse patriarca dizendo que “Sem a tipologia do sacrifício de Abraão não entenderíamos a profundidade do significado do ensino neotestamentário sobre o amor de Deus evidenciado ao dar seu Amado.” Ele finaliza dizendo que “Nas trevas do Calvário, o Pai também pagou o preço do amor.” “Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?” (Rm 8.32).

Em suma, observa-se que, como princípio de Igreja, os altares para adoração a YHWH são estabelecidos, juntamente com a promessa de que, por meio da descendência de Abraão, todas as famílias da terra seriam abençoadas. E como princípios de liderança, percebe-se o líder chamado por Deus, com uma liderança servil familiar e o potencial de gerar uma grande nação; uma liderança centrada na fé, obediência e dependência de Deus; uma liderança intercessora e abençoadora, e também sacrificial que serviu a Deus. Esses princípios se conectam com Cristo, que é o descendente de Abraão, por meio de quem todas as famílias da terra seriam abençoadas. Deus, como o Pai que entrega Seu Filho, Cristo, para ser morto, revela a perfeição do Cordeiro da provisão, aquele que tira o pecado do mundo, cumprindo assim a promessa feita a Abraão e trazendo a salvação para todos os eleitos.

2.2.4 Princípios de igreja e liderança em Moisés

Shedd (2000, p. 18) apresenta em seu livro “O líder que Deus usa” as características de liderança de Moisés. A família não temeu o decreto do rei e pela fé o ocultou durante três meses e planejou um meio para “salvá-lo” (Hb 11.23). Moisés apresenta firmeza e convicção quando não aceita o status de neto de Faraó e prefere ser maltratado que ter o conforto dos palácios, sabendo que Deus tinha para ele uma missão especial (v. 24-26). Após a fuga para o deserto, foi “aposentado” por Deus durante 40 anos, como expressa Edmund (2023, p.100), “ali,

em sua ‘aposentadoria’, serviu como pastor, cuidando dos rebanhos de Jetro, que se tornou seu sogro.” Posteriormente, foi chamado para pastorear a nação de Israel, conforme diz Shedd (2000, p. 19), tendo pedido a Deus um sucessor para esse pastoreio, conforme infere-se quando ele diz:

Então, disse Moisés ao Senhor: O Senhor, autor e conservador de toda vida, ponha um homem sobre esta congregação que saia adiante deles, e que entre adiante deles, e que os faça sair, e que os faça entrar, para que a congregação do Senhor não seja como ovelhas que não têm pastor. (Nm 27. 15-17)

A comunicação, que poderia ser um problema pela “boca pesada” (Ex 4.10), mostrou-se habilmente incomum. O pentateuco é uma prova clara de tal habilidade e diante das murmurações e incredulidade usou argumentos válidos e decisões persuasivas direcionados pelo Senhor. Outro detalhe está relacionado com sua paciência que foi testada severamente no deserto. Seguindo na análise da vida de Moisés, verifica-se um exemplo de liderança servil que apontava para Cristo. Moisés foi chamado por Deus para liderar o povo de Israel na libertação do Egito, guiando-os pelo deserto em direção à terra prometida, numa missão que envolvia a formação de uma nação. Ele foi o mediador do plano salvífico de Deus, o porta-voz profético que comunicava a Palavra de Deus tanto ao povo de Israel quanto a Faraó. Com uma mensagem de promessa e salvação, Moisés proferiu a Palavra de Deus, acompanhada por sinais e maravilhas. Era a ação do próprio Deus Criador sustentando os israelitas durante toda a jornada, realizando poderosos atos que resultaram na libertação do cativo (Êx 3.10; 13.17-22) e guiando para a terra prometida. Além disso, Moisés foi o líder responsável por estabelecer a aliança de existência da nação, fazendo a mediação entre Deus e o povo. Lendo as palavras de Graeme (2013, p.83) sobre Moisés, observa-se a concordância com argumentos anteriores:

Ele é escolhido para ser o mediador do plano salvífico de Deus para seu povo e o porta-voz profético que falará a Palavra de Deus para o povo. Moisés é ordenado a ir e falar a Israel e a Faraó. Ele tem uma palavra de promessa para Israel, uma palavra de salvação que é acompanhada por sinais e maravilhas e, acima de tudo, pelos atos poderosos de Deus que causam a libertação de seu povo do cativo. Depois, Moisés é chamado a

estabelecer a aliança de existência da nação, ao trazer a Palavra de Deus ao povo no monte Sinai.

Como princípio de liderança, o conselho do sogro de Moisés, Jetro, ecoa em palestras administrativas até hoje. Para López (2021), essa passagem de Êxodo 18 mostra a sabedoria de Jetro e sua habilidade de gestão administrativa: “primeiro, Jetro avaliou o exaustivo sistema de trabalho de Moisés (v.13),” porque ele trabalhava sozinho numa tarefa pesada demais; “segundo, ele permitiu que Moisés explicasse o sistema de liderança dele (v.14-16);” qualidade de líderes exemplares; “terceiro, ele explicou a Moisés as deficiências de seu trabalho e as consequências que trariam a ele (v.17-18);” finalmente, “Jetro lhe aconselhou como estruturar uma liderança eficiente (v.19-23).” Em Êxodo 18.13-23 NVI está escrito:

Você e o seu povo ficarão esgotados, pois essa tarefa é pesada demais. Você não pode executá-la sozinho. Agora ouça o meu conselho. E que Deus esteja com você! Seja você o representante do povo diante de Deus e leve a Deus as suas questões. Oriente-os quanto aos decretos e leis, mostrando-lhes como devem viver e o que devem fazer. Mas escolha dentre todo o povo homens capazes, tementes a Deus, dignos de confiança e inimigos de ganho desonesto. Estabeleça-os como chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Eles estarão sempre à disposição do povo para julgar as questões. Trarão a você apenas as questões difíceis; as mais simples decidirão sozinhos. Isso tornará mais leve o seu fardo, porque eles o dividirão com você. Se você assim fizer, e, se assim Deus ordenar, você será capaz de suportar as dificuldades, e todo este povo irá para casa satisfeito.

Êxodo 18.20 mostra que era para Moisés se dedicar ao ensino da Lei e do caminho, trazendo as explicações necessárias para o povo. Em Deuteronômio 1.13 evidencia-se um reforço da orientação de Jetro acatada por Moisés: “Escolham homens sábios, criteriosos e experientes de cada uma de suas tribos, e eu os colocarei como chefes de vocês.”

Moisés aceitou o conselho do sogro e fez tudo como ele tinha sugerido. Escolheu homens capazes de todo o Israel e colocou-os como líderes do povo: chefes de mil, de cem, de cinquenta e de dez. Estes ficaram como juízes permanentes do povo. As questões difíceis levavam a Moisés; as mais simples, porém, eles mesmos resolviam. (Ex 18.24-26)

Para melhor compreensão da orientação de Jetro, o organograma abaixo ilustra, com base no seu conselho, como foi instituída a administração do povo de Deus no deserto. Observa-se que Moisés deveria continuar representando o povo diante de Deus, ensinando-lhes os decretos e as instruções divinas, mostrando aos israelitas o modo adequado de proceder. Moisés, como mediador entre Deus e o povo, atuaria nos casos mais difíceis (Êx 18.19-22). Ele seguiu os conselhos de seu sogro, que era sacerdote de Midiã (Êx 3.1).

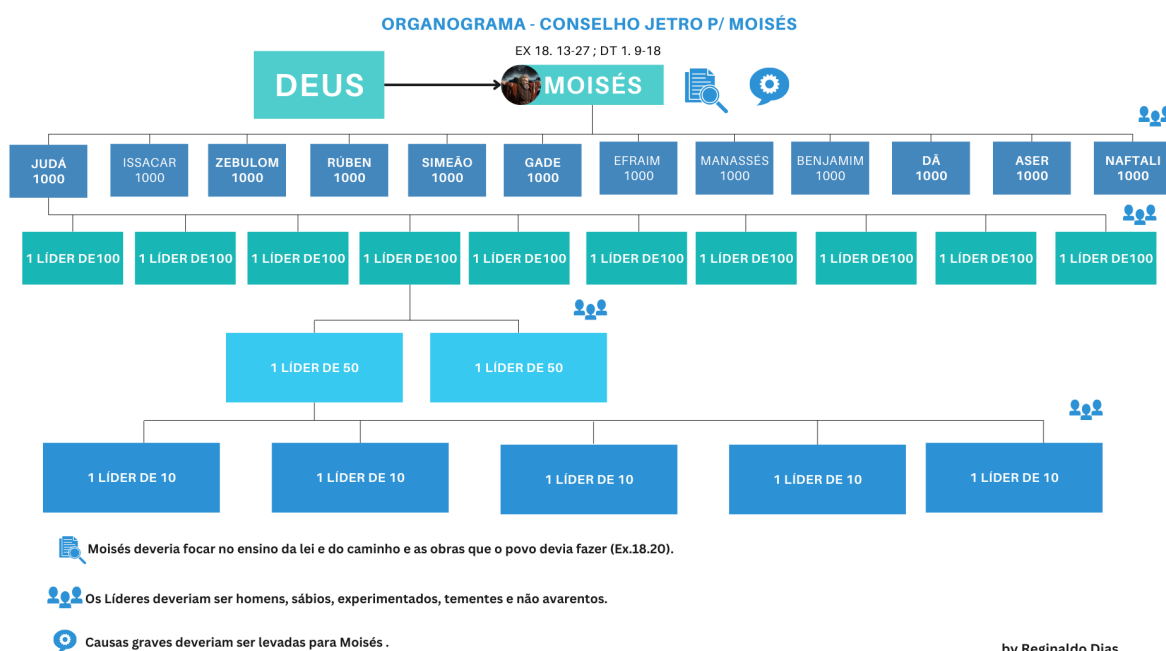


Imagem 01 - Organograma do Conselho de Jetro para Moisés - Fonte própria.

Sua liderança foi caracterizada por intercessão constante pelo povo, intimidade com Deus através da oração, comunhão e obediência, conforme comenta Shedd (2000, p. 20), reforçando que “um homem de oração é uma exigência básica para a liderança cristã”. Outra característica de um líder foi sua habilidade de encontrar novos líderes entre o povo de Israel, delegar responsabilidades, ouvi-los em relação às suas demandas, após acatar o sábio conselho de Jetro (Êx 18.13-27).

Observa-se claramente que o povo de Israel era uma igreja no deserto pela declaração do mártir Estevão em Atos 7, em sua interpretação inerrante e inspirada do A.T., ele diz: “Moisés estava com nossos antepassados, a congregação do povo de Deus no deserto, quando o anjo lhe falou no monte Sinai, e ali Moisés recebeu palavras que dão vida, para transmiti-las a nós” (At 7.38). O termo utilizado no

original grego é *Ekklesia*, traduzido na NVT como “congregação do povo de Deus”, clara demonstração que era a igreja do Senhor no deserto. Portanto, Moisés e o tabernáculo, e a condução do povo a adoração, são tipos e figuras que apontam para Cristo e a igreja. Assim como Moisés atuava como mediador entre Deus e o povo, Jesus Cristo é o mediador da nova aliança. As experiências de Israel no deserto funcionavam como sombras das coisas futuras, apontando para a obra redentora de Cristo e para o estabelecimento do Seu Reino. No deserto, o povo de Deus formava uma “igreja em adoração”, onde a presença divina era centralizada no tabernáculo e os levitas lideravam o serviço sagrado. Esse período também foi fundamental para a formação de liderança da nação, conforme ilustrado na *imagem 01*, onde destaca-se o desenvolvimento da estrutura de liderança sob orientação divina.

A conexão de Moisés com a figura de Cristo é desenvolvida contextualizando o profeta “menor” que apontava para o Profeta “maior” que proferia bênçãos e maldições. Edmund (2023, p.141-142), aprofunda muito bem esse entendimento quando diz: “o esboço da história de Israel em Deuteronômio 30 tornou-se o encargo dos profetas. Eles proclamaram o juízo de Deus, mas, depois do juízo, a glória da obra de redenção divina que chegaria ao ápice nos últimos dias.” Edmund segue argumentando e fazendo uma ligação da vida de Moisés com Cristo: “a graça régia de Deus, a Rocha, triunfaria na salvação do seu povo. O triunfo de Deus seria a obra de um Profeta maior do que Moisés; seria a obra do Ungido do Senhor.” Confirmando o que a Escritura já revelava: “Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar”. (Dt 18.18).

Semelhantemente, Graeme (2013, p.78-79), diz “que a Palavra se torna carne e habita entre nós.” Mas ele ressalta que essa expressão não estava depreciando o ministério de Moisés e sim conectando-o à Palavra de Deus mais elevada que traz graça e verdade. “Ao descrever a encarnação de Jesus como ‘habitar’ (‘montar tabernáculo’), João liga deliberadamente a encarnação à habitação de Deus entre o seu povo no tabernáculo”. De Moisés veio a Lei, mas o cumprimento perfeito veio no Filho do amor: “Porque a Lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo” (Jo 1.17).

Finalmente, como passagem do legado, Alexander e Rosner (2009, p.241) esclarece que “Josué foi o sucessor de Moisés e a pessoa divinamente escolhida para dirigir a nação de Israel através do Jordão”, aprovado e treinado também por Moisés, “para tomar a terra de Canaã e assim cumprir a bênção da aliança que Deus dera a Israel.”

Em suma, observa-se que, como princípio de Igreja, a congregação do povo de Deus (Ekklesia) no deserto é confirmada em Atos 7:38. A construção e utilização do tabernáculo corroboram com esse princípio sendo um lugar onde Deus habitava entre Seu povo. E como princípios de liderança, percebe-se a liderança compartilhada, liderança delegada, liderança servil em prol da nação, líder paciente, comunicador, ouvinte, e intercessor, que passou o legado para Josué. Esses princípios se conectam com Cristo, o profeta imperfeito Moisés, que aponta para Jesus, o Profeta maior e perfeito. Jesus Cristo "tabernaculou", fazendo Sua morada entre nós (João 1:14). Ele é o verdadeiro líder servil da nação de Israel e da Sua Igreja, como foi exposto por Estêvão (At 7.37). Cristo é a Rocha que sustenta o povo de Deus (1Co 10.4).

2.2.5 Princípios de igreja e liderança em Davi

Davi foi pastor de ovelhas, poeta, músico, guerreiro valente e um líder nacional. Ele se destacou como o homem segundo o coração de Deus (At. 13.22) e digno de confiança. Essas são as palavras de Swindoll (1998, p.13). Davi é “um modelo de liderança hábil desafiando um urso e um leão para recuperar uma ovelha de sua boca”, conforme defende Shedd (2000, p. 23). Ele venceu o gigante na força do Deus todo poderoso que lhe deu fé e coragem. Assim como Moisés, que se dedicou a servir como pastor de ovelhas e, posteriormente, no serviço de pastor de uma nação, Davi pastoreava o rebanho de seu pai quando foi chamado por Samuel para ser ungido rei e pastorear Israel, após alguns anos.

Shedd continua explicando que sua lealdade foi elevada a um outro nível diante das traições do rei Saul. “Uma dose impressionante de humildade coexistiu com a coragem e a determinação de Davi. Quando a notícia da morte de Saul o

alcançou, ele deu um exemplo de tristeza genuína em seu ato.” Consequentemente ele rasgou suas vestes, pranteou, jejuou e chorou por seu inimigo morto. Quando confrontado por Natã sobre seu pecado de adultério e o assassinato de Urias, mostrou arrependimento verdadeiro (Sl 51). “Davi deu valor à justiça. Considere a maneira que ele desafiou a prática de distribuição dos despojos [...]. Ele se assegurou de que os homens fracos recebessem um montante igual e justo.” Swindoll (1998, p.165), faz um estudo panorâmico davídico analisando os três últimos versos do Salmo 78, eles oferecem uma análise geral da vida de Davi:

Também escolheu a Davi, seu servo, e o tomou dos redes das ovelhas; tirou-o do cuidado das ovelhas e suas crias, para ser o pastor de Jacó, seu povo, e de Israel, sua herança. E ele os apascentou consoante a integridade do seu coração, e os dirigiu com mãos precavidas. (Sl 78.70-72)

Swindoll comenta que os 70 anos do homem segundo o coração de Deus, se acham contidos nesses três versículos. Comenta sobre a escolha de Davi, quando este tinha cerca de 17 anos. Da sua retirada do cuidado das ovelhas do seu pai, “quando matou o gigante e deixou pela primeira vez as ovelhas ‘para ser o pastor de Jacó, seu povo’, aos 30 anos.” Entre os 17 e os 30 anos, Davi é perseguido por Saul. Então, aos 30 anos ele chega ao auge de sua vida quando assenta no trono de Israel. O que aconteceu então? “Ele os apascentou consoante a integridade do seu coração, e os dirigiu com mãos precavidas”, ou seja, mão cautelosas, com entendimento e compreensão, durante seus últimos quarenta anos. Portanto, Swindoll defende que Davi andou na integridade do seu coração, “embora houvesse algumas excursões temporárias na carne, a maior parte dos anos de Davi como adulto foram anos de triunfo.” Chegaram os últimos vinte anos de sua vida de intensas tragédias, mas o autor expressa sua crença que “Davi morreu quebrantado e com o coração partido.” Davi claramente cometia inúmeros erros, mas se voltava a Deus com arrependimento genuíno de coração.

Antes de sua morte, ele se sente incomodado por morar em um palácio de cedro enquanto a Arca da Aliança, que representa a presença de Deus, está em uma tenda. Constata-se princípios de igreja nessa passagem de 2 Samuel 7.1-13, “Então o rei disse ao profeta Natã: 'Aqui estou eu, morando num palácio de cedro,

enquanto a arca de Deus permanece numa tenda.” (v.2). Em um primeiro momento Natã concorda com a construção, mas Deus manda-o voltar e dizer:

Quando a sua vida chegar ao fim e você descansar com os seus antepassados, escolherei um dos seus filhos para sucedê-lo, um descendente que será gerado por você, e estabelecerei o reino dele. Será ele quem construirá um templo em honra ao meu nome, e eu firmarei o trono dele para sempre. (2Sm 7. 12-13)

Davi enfrentava ainda outro problema: seu filho, Salomão, que construiria o templo, era inexperiente, e o templo deveria ser grandioso, de grande fama e esplendor em toda a terra. Davi afirmou: “Por isso, vou providenciar os preparativos para ele.” Assim, antes de sua morte, Davi reuniu muitos materiais e organizou tudo para que seu filho pudesse concluir a construção (1Cr 22.5).

Robertson (2011 p.187), mostra a grandeza da representação do reinado de Davi que apontava claramente para o reino de Cristo, “sob Davi, o reino chega”. De maneira formal, Deus instrui como governaria do Monte Sião, em Jerusalém e a arca é triunfalmente levada para lá. O autor descreve que:

O próprio Deus associa sua realeza com o trono de Davi. Rejeitando a tribo de Efraim, Deus se alegra em designar a tribo de Judá e a casa de Davi como seus instrumentos escolhidos para manifestar sua soberania (cf. Sl 78.60-72). [...]. A aliança serve como o compromisso formalizador pelo qual o reino de Deus vem ao povo. (grifo nosso).

Em suma, Davi é um tipo de Cristo, apontando para algo maior que viria: o rei do povo de Deus, pastor do rebanho de Israel, e o próprio Deus estabeleceu o vínculo de Sua realeza com o trono davídico. Como princípios de Igreja, percebe-se Davi como um adorador, com culto na tenda, e com o desejo e preparativos para construir o templo. E como princípios de liderança, Davi se destaca como líder servil pastoral, líder servil da nação, e líder que se arrepende de seus erros. Esses princípios se conectam com Cristo, o Supremo Pastor, que, em Davi, centraliza a vinda do reino, e em Jesus o reino se concretiza. Davi, rei imperfeito, aponta para Jesus, o Rei dos reis perfeito. Davi foi o rei de Israel, enquanto Cristo é o Rei das nações (Jeremias 10:7). Davi, que precisou se arrepender de seus pecados, é contrastado com Jesus, que não precisou se arrepender porque nunca pecou, sendo

o Justo, o sem pecado, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Hebreus 4:15; 1 Pedro 2:22; 1 João 2:1).

2.2.6 Princípios de igreja e liderança em Cristo

Para proporcionar uma compreensão mais aprofundada desse tema, é pertinente considerar a perspectiva apresentada por Shedd (2000, p. 57), que trabalha a ideia da supremacia da liderança em Cristo Jesus nosso Senhor. A base de toda liderança está atrelada a Deus e é dEle que vem toda liderança com piedade amorosa:

Jesus é o líder dos líderes. Ele é o modelo, uma fonte inextinguível de instrução e de ilustrações sobre a liderança. [...] A história da Igreja demonstra o quão frequentemente tem sido esquecido e descartado o modelo de Jesus e suas instruções sobre a liderança. Igrejas e denominações que não atentam para o seu ensino ou não seguem os princípios de liderança de Jesus hoje, cortejam o juízo e a condenação de Deus. Eles podem muito bem estar fracassados aos olhos de Deus, mesmo que estejam prosperando de acordo com a avaliação dos padrões desse mundo. A base de toda a liderança está enraizada em Deus; é dele que nasce todo princípio verdadeiro de liderança piedosa. É por isso que encontramos o quadro mais completo e perfeito de liderança em seu próprio Filho.

Em termos práticos, Jesus tinha o padrão de liderança que começou com um convite feito a homens comuns, Shedd e MacArthur (2004) expressam sobre o mesmo assunto na mesma linha argumentativa; não foi uma escolha lógica nem religiosa, mas foram homens improváveis. Eles não eram eruditos ou sábios religiosos, na maioria eram pescadores, um coletor de impostos que não era bem visto pelo seu povo e um ativista político radical. “Se Jesus pode alcançar o seu propósito por meio da vida de gente tão comum como essa, então nós também, em nossa limitação, poderemos ser usados por sua graça e poder.” Esses líderes comuns tiveram algo em comum que foi aceitar o chamado, e discipulado por Cristo mudaram o mundo. MacArthur expressa que o fato de terem sido pessoas comuns,

dá esperança a todos de serem usados para a glória do Senhor sendo pessoas semelhantes a eles.

Sobre liderança bíblica, o termo mais utilizado para liderança nas Escrituras é *servo*, conforme evidencia Tripp (2022, p.135). Ele continua sua tese dizendo que a alegria que motiva o coração de um verdadeiro servo não é o poder, alegria, aclamação, conforto, facilidade e posição. O que alegra um servo é o *serviço*. Paul Tripp então questiona: “Por que o serviço é tão antinatural para nós?” A resposta está em 2 Coríntios 5.15, “Paulo argumenta que o DNA do pecado é o egoísmo. O pecado é autocentrado, autoindulgente, autodefensivo e autoengrandecedor - egoísta no mais puro sentido da palavra.” Vale ressaltar que todos esses líderes descritos nessa obra, excetuando Cristo, cometeram erros gravíssimos, tendo o egoísmo como plano de fundo; pecado original (soberba, autonomia, desobediência), embriaguez, mentiras, assassinato, adultério, perseguição à igreja dentre inúmeros outros (Rm 3.23), mas foram conduzidos soberanamente para cumprir o serviço que Deus havia determinado. Isso aproxima o autor e os leitores dos personagens usados por Deus na liderança para a glória do Senhor!

A conversão foi um aspecto fundamental na vida dos discípulos, não sabe-se exatamente qual foi o momento que cada um foi soprado pelo Santo Espírito, mas na noite que Jesus foi traído tudo parecia perdido, eles fugiram de medo e mesmo depois da ressurreição existia remorso e timidez. Entretanto, após a ascensão de Cristo e a vinda do Espírito Santo sobre eles, foram capacitados para realizarem a vontade do Pai. MacArthur (2004) comenta que, em última análise, esses homens dependiam totalmente do Espírito Santo e foi Ele quem os transformou culminando no sucesso da missão, por isso a glória deve ser dada somente a Deus. O autor acrescenta:

Esses homens foram simples instrumentos nas mãos divinas - assim como você e eu podemos ser instrumentos de Deus nos dias de hoje. Deus se compraz em usar meios tão comuns - "...Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a

fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus" (1Co 1.27-29). O triunfo de dois mil anos do empenho apostólico é testemunho da sabedoria e poder da estratégia divina.

Deus usou e usa hoje pessoas aparentemente desqualificadas, loucos para confundir os sábios (1 Co 1.27), como instrumentos afiados por Deus e usados pela mão poderosa do Senhor, *servos inúteis* usados para servir ao Pai e ao próximo. Os discípulos de Jesus, depois de soprados pelo Espírito Santo de Deus (Jo 3.8) têm suas vidas transformadas e direcionadas para executar uma liderança servil. Tripp (2022, p.135) comenta, apontando para o responsável pela transformação desses homens, Cristo Jesus disciplinou-os e estes líderes serviram a comunidade cristã do primeiro século gerando consequências positivas desse serviço que refletem até os dias atuais. O Senhor que os transformou, o Servo sofredor que se entregou pelos seus eleitos na cruz:

[...] no cerne de cada esperança que o evangelho nos oferece, agora e no futuro, está um Servo sofredor. Sem a disposição dele de se humilhar e negar a si mesmo; sem a vontade dele de se tornar um servo; sem a vontade dele de sofrer até a morte, não haveria perdão, não haveria igreja, não haveria líderes comissionados para continuar a missão evangélica e não haveria mensagem para levarmos. O sofrimento do Servo está no centro da história redentora e da mensagem evangélica. Não deveria também estar no centro da nossa missão evangélica e da nossa ocupação como líderes da igreja e de ministério? Não é possível estar em missão evangélica e negar essa mesma missão na maneira que pensamos e nos comportamos.

Desenvolvendo uma linha de raciocínio semelhante, Shedd (2000, p. 58) comenta sobre a transformação dos apóstolos de simples pescadores em evangelistas e discipuladores. "Jesus lembra ao Pai que tinha entregado as palavras que recebera a esses homens que Deus lhe dera (Jo 17.8). Liderar, para Jesus, era formar cabeças com ideias vindas diretamente de Deus." Homens iletrados sendo capacitados por uma escola celestial:

[...] que transmite pensamentos e caminhos mais altos do que os nossos (Is 55.8,9), seria mais eficiente do que algum seminário que dá prioridade às opiniões humanas e às filosofias especulativas. A escola de discípulos que Jesus fundou foi ambulante. **Ele não tinha uma prioridade acadêmica, mas**

sim, a formação do caráter, da lealdade e do serviço ao Senhor. O Mestre prometeu transformar seus convidados "alunos" em "pescadores de homens" (Mt 4.19). Isso deve nos desafiar se queremos saber como Jesus transformou homens voltados à pescaria e ao comércio em evangelistas e discipuladores (Mt 28.19). (grifo nosso)

A formação do caráter e o serviço ao Senhor estavam no cerne da formação desses líderes que conduziram a igreja do próprio Deus, como instrumentos movidos pelo Cabeça. Foi evidenciado, na introdução desta monografia, o questionamento sobre quem é o Rei e Cabeça da Igreja? Evidentemente que é Cristo Jesus o Senhor. Stott concorda quando comenta Efésios 1. 22,23 e acrescenta elementos grandiosos nessa observação quando diz:

A primeira fala de Jesus como cabeça e lhe atribui uma soberania que se estende sobre todas as coisas. "Todas as coisas" são mencionadas duas vezes no versículo 22, e, no contexto, abrange não somente o universo material como também, em especial, todos os seres inteligentes, bons e maus, angelicais e demoníacos, que o povoam. Cristo domina sobre este universo e sobre estes seres. Visto que todas as coisas foram postas debaixo de seus pés por Deus, ele é então, o cabeça de todas as coisas.[...] (*edoke*) como cabeça-sobre-todas-as-coisas, à igreja, a qual é o seu corpo. Aquele, pois, a quem Deus deu à igreja para ser seu cabeça, já era cabeça do universo. Logo, tanto o universo quanto a igreja têm em Jesus Cristo o mesmo cabeça.

A razão de ser da igreja de Cristo é claramente estabelecida nas Escrituras, especialmente na Grande Comissão em Mateus 28.18-20. Ali, Jesus declara: "Toda autoridade me foi dada no céu e na terra," afirmando Seu domínio soberano como Deus. A igreja é chamada a reconhecer essa autoridade por meio da adoração e do discipulado, duas realidades inseparáveis no propósito divino. Portanto, plantar igrejas é essencial para expressar a glória de Cristo e centralizar a adoração a Deus, pois onde a autoridade de Cristo é proclamada, há um chamado para cultuar e há uma grande possibilidade de formar uma comunidade que adora ao Senhor.

Esse entendimento é corroborado por toda a Escritura, onde a adoração a Deus precede e fundamenta a formação de líderes. Na Grande Comissão, Cristo estabelece o culto como princípio fundamental da igreja, e o discipulado; "Ide e fazei

discípulos", como o princípio de liderança. Jesus convoca Seus seguidores a adorar a Deus, reconhecendo Sua autoridade, e a liderar outros no mesmo caminho. Essa sequência – primeiro adorar, depois liderar – está presente em diversas passagens bíblicas, evidenciando a prioridade da adoração na identidade do povo de Deus. Um exemplo claro desse padrão está nos Dez Mandamentos. Antes de apresentar Suas instruções, Deus afirma Sua identidade: "Eu sou o Senhor, teu Deus." (Ex. 20.2) Nos primeiros quatro mandamentos, Ele orienta Seu povo a adorá-Lo, estabelecendo a adoração como o primeiro compromisso do relacionamento de aliança, além de amá-Lo sobre todas as coisas. Os mandamentos seguintes envolvem o amor ao próximo, um chamado à liderança servil, pois amar é servir e servir é liderar. Nesse contexto, a liderança é uma extensão da adoração, princípio transitório do culto eterno, onde o serviço ao próximo reflete o reconhecimento da autoridade e do caráter de Deus.

Finalmente, todos os princípios levantados ao longo desta obra têm em Jesus, o líder servil e supremo, a sua completa e perfeita aplicação. Essas qualidades escatológicas, que se revelaram progressivamente ao longo da história, culminaram em Cristo, o cabeça de todas as coisas, incluindo a Igreja, como uma composição de um mosaico que, de forma gradual, forma a figura do Redentor. Sua obra está consumada! *Tete/estaí!* Como princípios de Igreja, observa-se que Cristo é o cabeça da Igreja (Efésios 1:22-23; Colossenses 1:18), e o culto de adoração é estabelecido sob Sua autoridade plena. E como princípios de liderança, Cristo é o Líder servo sofredor (Filipenses 2:6-8), o Líder supremo (Mateus 28:18; Colossenses 1:18), e comissiona a fazer discípulos, cumprindo o mandato de ir e ensinar a todos os povos (Mateus 28:19-20). Cristo, em Sua perfeição e autoridade, é a expressão máxima de adoração a Deus e liderança servil, que é servir a Deus e ao próximo em amor, sendo o centro de toda a história e da vida da Igreja.

2.2.7 Princípios de igreja e liderança em Paulo

Considerando que a figura de Paulo abordará a dimensão pastoral e prática no Capítulo III, faz-se aqui um resumo do tema a fim de evitar repetições. A exemplo de Cristo, Paulo serve como um modelo, por ser um imitador de Cristo, que

proporciona aplicações práticas para a formação de uma liderança servil no contexto do plantio de igrejas.

Augustus Nicodemus (2024) comenta que Paulo, antes “perseguidor do cristianismo, havia sido alcançado pela graça de Deus e tornara-se um defensor do que antes procurava destruir. Havia experimentado em sua alma o poder da nova era que havia se iniciado em Cristo.” Na experiência de conversão de Paulo, quando Jesus o confronta no caminho para Damasco, observa-se já uma profunda união entre a verdadeira Igreja e a pessoa de Cristo. Ao questionar o então, Saulo, que perseguia a Igreja, Jesus pergunta: “por que **me persegues?**” (At 9.4-5 grifo nosso). A passagem completa relata: “e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? E a resposta foi: Eu sou Jesus, a quem tu persegues.” Esse encontro marca o início da transformação radical de Paulo, cuja vida passa a ser amplamente dedicada à propagação do Evangelho e plantio de igrejas. Lopes (2024) comentando sobre esse grande apóstolo verbaliza:

Merecidamente, Paulo passou para a história não somente como o maior teólogo do cristianismo, mas também como o seu maior missionário. Como sabemos, o cristianismo nasceu judeu. [...] Poucos anos após a morte do apóstolo Paulo, o Império Romano reconhecia o cristianismo como um fenômeno gentílico. Para que tenhamos uma idéia do labor do apóstolo Paulo como fundador de igrejas, em menos de dez anos, entre os anos 47 e 57, ele plantou igrejas em quatro províncias do Império Romano: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia proconsular. Depois de dez anos plantando igrejas, ele escreve aos romanos que já não tem campo de atividade naquelas regiões (Rm 15.23). Paulo passa para a história, então, como uma combinação de teólogo profundo e missionário fervoroso.

Portanto, o melhor teólogo do cristianismo e missionário deixou recomendações em relação aos presbíteros e diáconos que auxiliavam-o no plantio, organização e supervisão de igrejas na província do império romano. As qualificações serão listadas aqui e trabalhadas no capítulo III desta monografia. Quanto às qualificações para Presbíteros, Paulo escreve a Tito e também a Timóteo, com grande semelhança entre as passagens, especificando as características dos

líderes da igreja visível de Cristo que cuidaria do rebanho debaixo da autoridade do supremo Pastor. Abaixo, segue o relato em 1 Timóteo 3.1-7 (NVI):

Esta é uma palavra fiel: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra deseja. É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, moderado, respeitável, hospitaleiro, apto para ensinar. Não pode ser dado ao vinho, nem violento, nem ganancioso; antes, deve ser gentil, pacífico e despretensioso. Deve governar bem a própria casa, tendo os filhos sob sujeição, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus? Não deve ser neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo. É necessário que tenha bom testemunho dos de fora, para que não caia em descrédito e na armadilha do diabo.

Quanto às qualificações recomendadas por Paulo aos diáconos, “deveríamos ser cuidadosos em manter uma distinção entre o ministério dos diáconos e o ministério dos presbíteros” Dever (2025). Em um certo sentido, tanto presbíteros quanto diáconos estão envolvidos na "diaconia", mas existe uma diferença no serviço relacionado com a mesa e o serviço físico, que é diaconia tradicional, e o “serviço” da Palavra e oração através dos presbíteros. “Os diáconos descritos em Atos 6 são muito parecidos com os cooperadores da igreja, pelo menos no sentido administrativo.” Suas qualificações estão descritas em 1 Timóteo 3.8-13 (NVI):

Da mesma forma, os diáconos sejam dignos de respeito, não de língua double, não dados a muito vinho, nem gananciosos. 9. Devem manter o mistério da fé com a consciência limpa. E também, sejam esses primeiro colocados à prova; depois, se não houver nada a reprovar, que sirvam como diáconos. Da mesma forma, as mulheres sejam dignas de respeito, não maliciosas, mas sóbrias e fiéis em tudo. Os diáconos sejam maridos de uma só mulher e governem bem seus filhos e suas próprias casas. Pois os que servirem bem como diáconos adquirirão para si mesmos uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus.

No seu livro sobre diáconos, Smethurst (2022, p.147-151) fala sobre o ato de abnegação no serviço, um diácono deve ser piedoso e pronto para servir o outro. Eles realizam o trabalho físico com efeitos espirituais e o trabalho invisível com

efeitos palpáveis. Seu chamado é nobre. Seu serviço é necessário. E sua recompensa está próxima (1Tm 3.13).

Em suma, a liderança para o apóstolo Paulo tinha relação com transmitir “a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” e total relação com o serviço. O apóstolo evidencia que a atitude do coração da liderança bíblica deve ser centrada primeiramente no serviço ao rebanho por meio do ensino da Palavra de Deus (At 20.28) e da prática, fazendo-a funcionar para transformar vidas. Os princípios de igreja dar lugar a igrejas plantadas, organizadas e supervisionadas. (At 13.1-3; At 14.21-23; Tt 1.5; 1 Tm 3.1-13; At 15.36-41; 2 Co 11.28). Quanto aos princípios de liderança, Paulo é visto como imitador de Cristo, Líder servo sofredor (Fl 2.6-8), um líder servil. A busca é para ser semelhante ao líder supremo, Cristo Jesus (Mt. 28.18; Cl 1.18), fazendo discípulos. A instituição dos Presbíteros e Diáconos, semelhante às funções dos anciãos do A.T., é observada nesta liderança.

2.3 Considerações finais deste capítulo

Muitos outros exemplos de princípios de liderança poderiam ser extraídos das histórias da vida de homens proeminentes do Antigo Testamento. Porém, esses exemplos apresentados são suficientes para destacar o significado do caráter e da maturidade espiritual nas vidas daqueles que Deus escolheu para servi-Lo como líderes. A liderança servil permeou todos os personagens apresentados ao longo desta abordagem bíblica teológica. As circunstâncias de hoje são radicalmente diferentes daquelas que envolviam a vida de Adão, Noé, Abraão, Davi, Jesus e Paulo, mas os princípios que governaram suas ações e atitudes, ainda devem ser mantidos como verdadeiros e assertivos para atualidade. Os métodos mudam os princípios não, por isso é “preciso considerar as verdades fundamentais que servem como raízes de uma árvore ou alicerces de um edifício, mantendo-o firme em tempestades e terremotos”, conforme orienta Shedd.

Tendo em vista a importância de ver Cristo nas Escrituras, o pregador Spurgeon conta uma história de um Gaulês que ouviu um jovem pregar um sermão considerado por muitos magnífico, mas perguntado a respeito da pregação pelo

jovem ele respondeu que não tinha nenhum valor porque não apresentava Cristo. Spurgeon (2004, p.15) continua comentando sobre as palavras do velho Gaulês que agora ensina o jovem a pregar:

O modo certo de pregar é o seguinte: De cada aldeia minúscula na Inglaterra — não importa em que região — sempre sai, com toda a certeza, uma estrada para Londres. Embora talvez não haja estrada para outros lugares, certamente haverá uma estrada para Londres. Da mesma forma, de cada texto na Bíblia há uma estrada que leva a Jesus Cristo, e o modo certo de pregar é, simplesmente, dizendo: 'Como posso, tomando esse texto como ponto de partida, chegar até Jesus Cristo?' e, então, ir pregando pela estrada afora". "Mas", disse o jovem, "suponhamos que descubro um texto que não tem uma estrada que leva a Jesus Cristo?" "Faz quarenta anos que estou pregando", disse o velho, "e nunca achei um texto bíblico assim; mas se chegar a achar um, passarei por sebes e cercas, e chegarei até Ele, porque nunca termino sem introduzir meu Mestre no sermão".

Esta monografia tem esse mesmo objetivo; o ensino da Palavra é vital para a formação de liderança e esse ensino tem que apontar para Cristo sempre, caso contrário, não é bíblico. Por esse motivo, os princípios de liderança apresentados nos personagens estabeleceram uma conexão com os atributos de Jesus, é isso que busca-se aqui; uma total relação com a liderança do Deus encarnado.

CAPÍTULO II

3. ABORDAGEM HISTÓRICA

3.1 As Confissões reformadas

Até este ponto, a pesquisa concentrou-se na análise de princípios bíblicos relacionados à igreja e à liderança, conforme apresentados nas Escrituras Sagradas. Neste capítulo, busca-se aprofundar o embasamento epistemológico, em consonância com a problemática e a justificativa delineadas, visando à construção de uma reflexão teológica sobre a formação de liderança no contexto do plantio de igrejas. Para isso, serão abordados aspectos históricos das principais confissões reformadas no que tange à eclesiologia e aos ofícios da igreja, com ênfase especial na Confissão de Fé de Westminster (CFW), “um dos documentos mais influentes do período pós-Reforma da Igreja Cristã”, conforme defende Beeke e Ferguson (2006, p.xiii). A Confissão de Guanabara (1558) será citada por sua importância na história brasileira, primeira confissão das Américas feita no Brasil, e por seu peso missiológico. A Confissão de Fé Belga (1561), também chamada de Confissão de Walloon e Confissão da Holanda, que tem como seu principal autor Guido de Brès que criou esse documento como uma defesa para os crentes reformados dos Países Baixos (2006, p.iv). Outro documento confessional que servirá de embasamento para este capítulo será a Segunda Confissão Helvética (1566), testemunho de obra e fé de Heinrich Bullinger. Estes escritos reformados serão utilizados com a finalidade de trazer o embasamento e importância dos credos e confissões na formação de novos líderes, por serem documentos sólidos e já aceitos pela tradição cristã como sistema de exposição das doutrinas bíblicas.

Antes mesmo da criação de todas as confissões citadas, os reformadores Martinho Lutero, Ulrico Zuínglio e João Calvino, no século XVI, além de combater os erros da Igreja Católica, eram pastores de igrejas locais que “procuravam pastorear o rebanho, treinar líderes pastorais e divulgar o evangelho de Cristo para além de suas comunidades.” Conforme apresenta Newton (2023, p. 91-101). Lutero influenciou, com a sua pregação, Martin Bucer, que seria, posteriormente, o mentor teológico em alguns aspectos sobre a vida de Calvino. Lutero usava seu Catecismo menor (1529) para instrução familiar, principalmente das crianças, e o Catecismo

Maior (1529) para treinamento de pastores e líderes da igreja. Zuínglio tinha uma escola chamada *Prophezei*, ou profecia, e segundo Newton recebia tanto clérigos quanto leigos sem custo algum, promovendo discussões e debates para instrução dos alunos. Ulrico Zuínglio também recebia convidados em sua casa. “Pastores, cônegos, professores, alunos e acadêmicos se reuniam como amigos para discutir os assuntos do evangelho.” Calvino via o trabalho dos oficiais como “a energia principal pela qual os cristãos são mantidos juntos em um corpo” e, devido à escassez de pastores treinados, determinou a treiná-los, também propôs o desenvolvimento de uma faculdade para instruir jovens, “homens para o ministério e serviço cívico”, para que a igreja não ficasse desolada em relação às futuras gerações. Segundo Newton, Calvino recrutou, treinou e enviou homens para plantar novas igrejas, fruto da formação da Companhia dos Pastores, *Vénérable Compagnie*, onde eram ensinados sobre “assuntos teológicos, questões da igreja, tópicos relacionados a membresia e para examinar candidatos para o ministério.” Interessante que todos os alunos subscreveram “uma longa confissão de fé” e mesmo após a saída para a prática, podiam retornar para obter esclarecimentos das dúvidas de campo. Portanto, observa-se o uso das confissões e catecismos como forma didática de ensino dos líderes das igrejas na época dos reformadores, corroborando com o propósito deste trabalho e, mais especificamente, deste capítulo.

Para Carl R. Trueman (2012, p. 113) as confissões reformadas “continuam a desempenhar um papel importante nas principais denominações do protestantismo”, ou seja, não são apenas documentos históricos, vão além de escritos antigos analisados apenas por historiadores, e continuam relevantes na orientação doutrinária e prática das igrejas confessionais contemporâneas. Igrejas reformadas ao redor do mundo utilizam essas confissões como base para catequese, explicação oral através de perguntas e respostas, ensino e disciplina eclesial. No contexto brasileiro, as confissões reformadas têm sido fundamentais para a identidade teológica das igrejas presbiterianas, que utilizam, principalmente, a CFW. Relacionando-se com a formação de liderança, os oficiais da igreja presbiteriana brasileira devem subscrever os símbolos de fé que além da CFW incluem o Catecismo Maior e o Breve Catecismo de Westminster. No artigo 114 do Manual Presbiteriano diz que “só poderá ser ordenado e instalado quem, depois de

instruído, aceitar a doutrina, o governo e a disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil”. O artigo continua falando do juramento que será feito perante os fiéis da congregação: “devendo a igreja prometer tributar-lhe honra e obediência no Senhor, segundo a Palavra de Deus e esta Constituição.” Manual Presbiteriano (2019, p.115). As confissões são um sistema de exposição das Escrituras, como reforça a Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, CI-IPB, no 1º artigo, quando afirma que os nossos símbolos de fé são o nosso “sistema expositivo de doutrina e prática.”

Tanto os reformadores, CFW e outras confissões, abordaram a doutrina do aliança e aprofundaram em sua importância para a igreja e esta obra mostrou, no primeiro capítulo, personagens considerados participantes diretos do pacto de Deus com os homens, buscando princípios de igreja e liderança, apontando para o cumprimento de forma perfeita em Cristo. No capítulo VII da CFW, por exemplo, *do Pacto de Deus com o homem*, apresenta-se a grandiosa distância entre Deus e o ser humano, que deve obediência a seu Criador, mas que não tem nada de bom para oferecer, necessitando da condescendência da parte de Deus, a qual agradou-lhe expressar por meio de um pacto. Portanto, percebe-se a total relação dos escritos e práticas no período da reforma com esta exposição acadêmica.

Ao comparar as confissões reformadas, percebe-se uma unidade teológica em questões essenciais, como a doutrina da graça, a doutrina do pacto, a soberania de Deus e a suficiência das Escrituras. No entanto, existem diferenças sutis na ênfase doutrinária. A Confissão de Fé de Westminster, por exemplo, apresenta um detalhamento mais extenso sobre o governo da igreja e a relação entre a Igreja e o Estado, enquanto a Confissão Belga enfatiza mais a eclesiologia e a distinção entre Igreja verdadeira e falsa. Já a Segunda Confissão Helvética, apesar de origens pessoais do testemunho de fé de Heinrich Bullinger, é um manual compacto da teologia reformada que tem “como ponto de partida as Escrituras, ela avança pelas ideias da teologia sistemática, abordando questões características da Reforma e de Calvino”, conforme aborda Beeke e Ferguson na *Harmonia das confissões reformadas* (2006, p.xi).

Há, no entanto, cristãos que afirmam só crer na Palavra de Deus e não em credos e confissões, por não serem textos inspirados, e portanto, não serem

úteis para a edificação e discipulado da igreja. Carl R. Trueman, em seu livro, “o imperativo confessional” responde sobre isso da seguinte maneira:

cristãos se dividem entre quem subscreve credos e confissões públicos, registrados e existentes como documentos públicos, sujeitos a escrutínio, avaliação e crítica públicos, e quem subscreve credos e confissões particulares, muitas vezes improvisados, não registrados e, portanto, vedados ao escrutínio público, insuscetíveis à avaliação e, de forma crucial e irônica, insubmissos ao teste da Escritura a fim de ter a veracidade examinada.

Ou seja, mesmo não afirmando crer em alguma confissão, em termos práticos estão vivendo sob um credo, mesmo que velado. Entende-se que a Escritura é autoridade suprema e única de fé e prática, portanto as confissões estão sujeitas a ela no ensino e discipulado de todos os santos. Trueman (2012, p.172) segue afirmando que os credos e confissões "oferecem resumos mais abrangentes e sucintos da doutrina cristã que qualquer outro exemplo" e que são os documentos que mais contém verdades bíblicas fora da Bíblia. Sabe-se que toda Escritura é inspirada por Deus, foi soprada pelo próprio Espírito Santo para mais de quarenta autores, compondo uma revelação progressiva de Deus para seu povo, estas revelações exigem interpretação e proclamação a fim de que as gerações posteriores tenham acesso ao entendimento de fé de seus pais.

Portanto, ressalta-se a importância das confissões de fé e credos para a igreja do passado, presente e do futuro, mas “essa tradição deve ser regulada pela Escritura como única fonte detentora de autoridade e de conhecimento dos atos de Deus; mas ela não é formalmente idêntica à Escritura”, sendo, entretanto, a forma que interpreta-se as Escrituras e demonstra-se a fé, conforme é preceituado em nossa CI-IPB, em seu artigo 1º, quando afirma que os nossos símbolos de fé são o nosso “sistema expositivo de doutrina e prática”. Para o entendimento da abrangência da palavra *prática*, entende-se que envolve tanto o sistema expositivo de doutrina e prática bíblica para evangelismo e catequese, como também para a edificação e capacitação de liderança bíblica na igreja.

3.1.1 Análise e harmonia das confissões

A Confissão de Fé de Westminster (CFW) é um dos credos reconhecidos pela Igreja Presbiteriana do Brasil como uma interpretação fiel e aprofundada das doutrinas sagradas. Foi elaborada a partir da convocação do Parlamento da Inglaterra, no dia 12 de Junho de 1643, e durante cinco anos foi construída com a participação de vários teólogos sábios e eruditos reunidos na Abadia de Westminster, em Londres. A adoção da Confissão de Fé tem sido benéfica para toda comunidade cristã reformada (CFW, Cultura Cristã, p.6).

Para cumprir-se o objetivo deste trabalho, o foco será no tema sobre *Igreja*, no capítulo XXV, sobre os *Oficiais*, no capítulo XXX e sobre *Sínodos e Concílios*, no capítulo XXXI. Abaixo apresenta-se o texto na íntegra e os devidos comentários sobre o que os teólogos da Assembléia de Westminster escreveram sobre estes assuntos, e como as outras confissões reformadas abordaram o tema (cap. XXV):

I. A Igreja Católica ou Universal, que é invisível, consta do número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em um só corpo sob Cristo, seu cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todas as coisas.

Para o termo *católico* entende-se *universal*, refletindo a verdadeira igreja de Cristo, um corpo composto de vários membros, existindo em diferentes tempos e lugares, conforme comenta Hodge (2013, p. 421-422), ex-diretor do Seminário de Princeton, que continua dizendo:

O termo, no Novo Testamento, corresponde ao termo português, *igreja*, que vem de *ecclesia* (grego); este é derivado do termo *calein*, *chamar*, *chamar para fora*, e portanto constitui um corpo separado; termo este usado para expressar a vocação eficaz provinda do Espírito Santo, pela qual ele traz as almas mortas à vida, na obra de regeneração. Rm 8.28-30; 1 Pe 2.9; 5.10. O termo "igreja", portanto, é um termo coletivo incluindo todo o corpo dos "chamados" ou "eleitos" ou "crentes". Ap 17.14; 1 Co 1.2,24.

A confissão Belga, no seu artigo 27, corrobora com este entendimento quando diz que “cremos e confessamos uma só igreja católica ou universal. Ela é

uma santa congregação e assembléia dos verdadeiros crentes em Cristo, que esperam toda a sua salvação de Jesus Cristo". Esses crentes são lavados pelo sangue dEle, santificados e selados pelo Espírito Santo. O importante documento confessional, que também é conhecido como Confissão da Holanda, continua dizendo que "esta igreja existe desde o princípio do mundo e existirá até o fim. Pois, Cristo é um Rei eterno, que não pode estar sem súditos. Esta santa igreja é mantida por Deus contra o furor do mundo inteiro". Não é limitada a regiões terrenas ou ligada a certas pessoas, mas espalhada pela Terra. "Contudo, está integrada e unida, de coração e vontade, no mesmo Espírito, pelo poder da fé."

Esta mesma igreja é chamada de *Igreja invisível*, constituída por todos que receberam a Cristo e experimentaram o poder da redenção. Ela é o corpo coletivo dos "eficazmente chamados", a qual todas as promessas do evangelho são direcionadas. Ela é descrita como a "coluna e fundamento da verdade" (1 Tm 3.15); O "corpo" e "plenitude de Cristo" (Ef 1.22,23); "a Noiva, a Esposa do Cordeiro" (Ap 21.2,9); e afirma-se que "as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Mt 16.18. A Escritura Sagrada assegura que Jesus "é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia" (Cl 1.18 ARA).

II. A Igreja Visível, que também é católica ou universal sob o Evangelho (não sendo restrita a uma nação, como antes sob a Lei) consta de todos aqueles que pelo mundo inteiro professam a verdadeira religião, juntamente com seus filhos; é o Reino do Senhor Jesus, a casa e família de Deus, fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação.

Para Bannerman (2014, po.1719), no livro *A Igreja de Cristo*, "a catolicidade da igreja invisível é de tipo mais elevado e mais perfeito do que o da igreja visível. A mesma coisa é verdade com respeito à unidade da igreja." A igreja cristã é uma, quer se fale dela considerando sua característica invisível ou visível. "Mas quanto à sua característica invisível, pertence-lhe uma unidade muito mais elevada, como também mais completa, do que quanto à sua característica visível." O termo *católico* diz respeito ao caráter universal da igreja que envolve toda língua, tribos e povos, estendendo-se por todos os tempos e não se limitando pelo espaço.

Cristo ordenou aos seus discípulos, na grande comissão, que pregassem o evangelho em todas as nações, batizando e fazendo outros discípulos (Mt 28.18-20). Como único meio de salvação ordinária, a igreja de Cristo é considerada como o “reino do céu” com a natureza da igreja sendo apresentada nas parábolas do semeador, trigo e joio, semente da mostarda, pão levedado e a rede que é lançada no mar e reúne peixes de toda a espécie (Mt 13), conforme Hodge observa. As comunidades eclesiais organizadas segundo a ordenança de Deus são distintas e visíveis. A reunião delas em todos os povos e nações constitui a Igreja Católica ou Universal visível. A profissão de fé e a obediência do membro é o meio, não inerrante, pois é humanamente impossível saber se está professando a verdadeira religião, para considerá-lo participante da igreja visível, juntamente com seus filhos. Portanto, dentro da Igreja visível encontra-se a Igreja Invisível de Deus, formada pela família dos eleitos do Pai, sendo possível concluir que fora da igreja invisível, família de Deus, não há salvação.

III. A esta Igreja Católica Visível Cristo deu o ministério, os oráculos e as ordenanças de Deus, para incorporação e aperfeiçoamento dos santos nesta vida, até o fim do mundo, e pela sua própria presença e pelo seu Espírito, os torna eficazes para esse fim, segundo a sua promessa.

Os membros da Assembléia escreveram que além de deixar as ordenanças como bênçãos para os santos, Deus deixa a sua presença através da ação do Espírito Santo para que sua lei seja eficaz. Beeke e Ferguson (2006, p.184) harmonizam este assunto com a Segunda Confissão Helvética que cita o Credo Apostólico no capítulo XVII; “Creio na santa igreja católica, na comunhão dos santos” e reforça que aqueles que adoram o único Deus verdadeiro e só a ele cultuam em espírito e verdade, amando-o de todo o coração e com todas as suas forças, todo seu entendimento e orando a ele por meio de Jesus, o único mediador e intercessor. E não buscam nenhuma outra vida ou justiça fora do Deus encarnado e de sua fé nEle, “pois reconhecem a Cristo como o único cabeça e fundamento de sua igreja, pelo que, apoiando-se nele, renovam-se diariamente pelo arrependimento e, com paciência, carregam a cruz lançada sobre eles.” A confissão segue dizendo que “além disso, unidos a todos os membros de Cristo por um amor sincero, revelam que são discípulos de Cristo, perseverando no vínculo da paz e da santa unidade.”

Para Bannerman (2014, po.649), há uma “associação visível dos cristãos professos que está sendo mencionada, conhecida e percebida [...] por meio de certas ordenanças visíveis e práticas peculiares a eles, o que não se deve confundir com a igreja invisível composta pelos eleitos.”

IV. Esta Igreja Católica tem sido ora mais, ora menos visível. As igrejas particulares, que são membros dela, são mais ou menos puras conforme neles é, com mais ou menos pureza, ensinado e abraçado o Evangelho, administradas as ordenanças e celebrado o culto público.

V. As igrejas mais puras debaixo do céu estão sujeitas à mistura e ao erro; algumas têm degenerado ao ponto de não serem mais igrejas de Cristo, mas sinagogas de Satanás; não obstante, haverá sempre sobre a terra uma igreja para adorar a Deus segundo a vontade dele mesmo.

A pureza da igreja é mantida através da disciplina, é o que defende o ex-diretor do Seminário de Princeton, Hodge, que complementa dizendo que o grau de pureza varia ao longo do tempo. Mesmo as igrejas mais puras ainda são imperfeitas e continuarão assim até o fim. As igrejas são compostas de seres humanos que sofreram os efeitos da queda em Adão e, portanto, são pecadores depravados necessitados da graça de Deus. Até as igrejas mais puras sofrem os efeitos do pecado e são sujeitas à mistura e ao erro por parte da liderança, sacramentos, ensinamentos e, desta forma, não são mais igrejas de Cristo, não estão glorificando ao Deus vivo. Uma igreja cheia de mistura e erro não terá uma boa formação de liderança uma vez que as práticas de ensino corretas já se perderam. Mas, há sempre na terra um remanescente fiel da igreja de Deus, pois o próprio Senhor prometeu sustentá-la, e o objetivo deste trabalho é a formação destes oficiais fiéis a Deus na plantação de uma igreja visível.

VI. Não há outro Cabeça da Igreja senão o Senhor Jesus Cristo; em sentido algum pode ser o Papa de Roma o cabeça dela, mas ele é aquele anticristo, aquele homem do pecado e filho da perdição que se exalta na Igreja contra Cristo e contra tudo o que se chama Deus.

Alexander Hodge comentando sobre essa seção da CFW diz “que o Senhor Jesus Cristo é a única absoluta e suprema Cabeça da Igreja, é sem a menor sombra de dúvida e amplamente asseverado na Escritura (Cl 1.18 e Ef 1.20-23), e

jamais foi negado por qualquer cristão.” Ele continua argumentando que a igreja de Roma reivindica isso para o papa: uma autoridade de cabeça, “um vigário e ministro do seu poder”. Alguns países consideram ou consideraram seus soberanos como supremas cabeças da Igreja, como no caso de Henrique VII em relação à Igreja Anglicana. Hodge segue sua argumentação dizendo que se, como matéria de fato, Cristo delegou sua autoridade a vigários, deve-se obedecê-los ou estaria traindo a Cristo. Mas se não são detentores de tal autoridade estão blasfemando contra Deus e traindo a humanidade. A Segunda confissão Helvética, no capítulo XVII, também rejeitou o governo do Papa quando diz “repudiando o cabeça romano, não introduzimos na Igreja de Cristo nenhuma confusão ou perturbação, pois ensinamos que o governo da Igreja, estabelecido pelos apóstolos, nos é suficiente para conservar a Igreja na devida ordem.” A igreja reformada entende que há um Cabeça que é Cristo e os líderes das igrejas, apesar de terem uma responsabilidade maior no ato de servir, estão debaixo do Supremo Pastor. Sendo o Cabeça, Cristo, por meio da Palavra, vocaciona e capacita a formação de novos líderes.

Outro necessário capítulo para análise da CFW é o XXX, das censuras eclesiásticas pela total relação na atuação dos oficiais, principalmente os presbíteros. Este capítulo inicia-se mostrando que Jesus é o cabeça da Igreja e líder Supremo, reforçando o que havia sido dito no capítulo sobre a igreja. O ponto em destaque agora é que na igreja, Deus “instituiu um governo nas mãos dos oficiais dela; governo distinto da magistratura civil.” A formação destes oficiais na plantação de uma igreja visível é o objeto deste trabalho.

- I. O Senhor Jesus, como Rei e Cabeça da sua Igreja, nela instituiu um governo nas mãos dos oficiais dela; governo distinto da magistratura civil.
- II. A esses oficiais estão entregues as chaves do Reino do Céu. Em virtude disso eles têm respectivamente o poder de reter ou remitir pecados; fechar esse reino a impenitentes, tanto pela palavra como pelas censuras; abri-lo aos pecadores penitentes, pelo ministério do Evangelho e pela absolvição das censuras, quando as circunstâncias o exigirem.

A Segunda confissão Helvética, no capítulo XVIII, corrobora com esse entendimento quando diz que “Deus sempre usou ministros para reunir ou estabelecer para si a Igreja, e para o governo e preservação da mesma; e ainda os

usa e sempre os usará, enquanto a Igreja permanecer na terra.” Na mesma linha de entendimento a Confissão Belga, no seu artigo 32, expressa que sua crença “que os que governam a igreja devem cuidar para não se desviarem do que Cristo, nosso único Mestre, nos ordenou; embora seja útil e bom que, entre eles, se estabeleça e conserve determinada ordem para manter o corpo da igreja.

Observa-se que a disciplina eclesiástica é função dos oficiais da igreja, para que se obtenha uma igreja mais pura, para impedir que outros pratiquem delitos semelhantes e, principalmente, chamar e ganhar para Cristo os transgressores. O código de disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil (2019, p.139) diz no seu artigo II, parágrafo único que “toda disciplina visa edificar o povo de Deus, corrigir escândalos, erros ou faltas, promover a honra de Deus, a glória de Nosso Senhor Jesus Cristo e o próprio bem do culpado.” Devem ser administradas pelos Concílios que são formados pelos oficiais (presbíteros docentes e regentes) designados e que também poderão ser disciplinados. A CFW aborda este tema dizendo que:

III. As censuras eclesiásticas são necessárias para chamar e ganhar para Cristo os irmãos ofensores para impedir que outros pratiquem ofensas semelhantes, para purgar o velho fermento que poderia corromper a massa inteira, para vindicar a honra de Cristo e a santa profissão do Evangelho e para evitar a ira de Deus, a qual com justiça poderia cair sobre a Igreja, se ela permitisse que o pacto divino e os seios dele fossem profanados por ofensores notórios e obstinados.

IV. Para melhor conseguir estes fins, os oficiais da Igreja devem proceder na seguinte ordem, segundo a natureza do crime e demérito da pessoa: repreensão, suspensão do sacramento da Ceia do Senhor e exclusão da Igreja.

Portanto, nota-se a necessidade de uma boa formação da liderança da igreja que tratará de assuntos sensíveis e deverá ser exemplo de piedade para a comunidade. Hodge acrescenta que o Senhor Jesus, como Rei mediano, instituiu um governo para sua igreja distinto, em todos os aspectos, do governo civil. Pelo seu Espírito Ele continua a administrá-la. “Os pastores e presbíteros ensinam e governam no nome de Deus, e não do homem”. Estes oficiais eclesiásticos executam as leis que Deus promulgou e administram as penalidades que Ele

designou, segundo a sua vontade e em seu nome. “A disciplina deve ser sábia e justamente proporcional ‘à natureza do crime e demérito da pessoa’”.

O capítulo XXXI da Confissão de Fé de Westminster, que trata dos Sínodos e Concílios, aborda a necessidade da realização de assembléias, em uma periodicidade que os pastores e presbíteros julgarem útil para o bom governo da igreja de Cristo. Os teólogos que produziram a CFW escreveram assim:

I. Para melhor governo e maior edificação da Igreja, deverá haver as assembléias comumente chamadas sínodos ou concílios. Em virtude do seu cargo e do poder que Cristo lhes deu para edificação e não para destruição, pertence aos pastores e outros presbíteros das igrejas particulares criar tais assembléias e reunir-se nelas quantas vezes julgarem útil para o bem da Igreja.

A Confissão Helvética reforça esse entendimento dizendo que o Senhor sempre usou seus servos para estabelecer, governar e preservar a sua igreja. Em que pese ser Cristo o Cabeça da Igreja, a instituição e o ofício de ministros vem desde a antiguidade e não é uma inovação humana. Deus poderia governar sua igreja de outra forma, mas preferiu tratar com os homens pelo ministério de homens. Por isso “os ministros devem ser considerados não como ministros apenas por si mesmos, mas como ministros de Deus, visto que por meio deles Deus realiza a salvação de homens.”

As próximas seções deste capítulo da CFW referem-se ao tribunal eclesiástico, sobre assuntos que são trazidos para tomada de decisão. Hodge (2013 p.506) comenta que os sínodos e concílios não têm direito de interferir nas questões relativas ao Estado, exceto em casos extraordinários como interesse da Igreja em jogo ou caso seja solicitado pelo magistrado civil. Embora os tribunais eclesiásticos não tenham direito de intervir na jurisdição do magistrado civil, deve ensinar aos membros que as autoridades que existem são instituídas por Deus e devem ser obedecidas. Os poderes dos sínodos e concílios são ministeriais e declarativos relacionados à vontade de Cristo e não têm caráter legislativo e podem errar:

II. Aos sínodos e concílios compete decidir ministerialmente controvérsias quanto à fé e casos de consciência, determinar regras e disposições para a

melhor direção do culto público de Deus e governo da sua Igreja, receber queixas em caso de má administração e autoritativamente decidi-las. Os seus decretos e decisões, sendo consoantes com a palavra de Deus, devem ser recebidas com reverência e submissão, não só pelo seu acordo com a palavra, mas também pela autoridade pela qual são feitos, visto que essa autoridade é uma ordenação de Deus, designada para isso em sua palavra. III. Todos os sínodos e concílios, desde os tempos dos apóstolos, quer gerais quer particulares, podem errar, e muitos têm errado; eles, portanto, não devem constituir regra de fé e prática, mas podem ser usados como auxílio em uma e outra coisa. IV. Os sínodos e concílios não devem discutir, nem determinar coisa alguma que não seja eclesiástica; não devem imiscuir-se nos negócios civis do Estado, a não ser por humilde petição em casos extraordinários ou por conselhos em satisfação de consciência, se o magistrado civil os convidar a fazê-lo.

Os sínodos e concílios, por serem administrados por homens, não são infalíveis e erram, não sendo, portanto, regra de fé e prática. Hodge aconselha que se seus juízos forem improcedentes e não frontalmente contrários à vontade de Deus, o membro deve acatá-los por amor e paz. Todavia, se suas decisões forem virtualmente contrárias à Escritura Sagrada, “o membro deve, particularmente, desconsiderá-las e suportar a consequência”, conforme defende Hodge. As decisões devem passar pelo crivo da consciência, segundo a medida de fé dada por Deus a cada ministro, julgando todas as coisas e retendo aquilo que é bom.

3.1.2 Confissão de Guanabara

Uma das mais remotas declarações da fé reformada foi escrita no Brasil, em meados do século XVI. Segundo o Dr. Alderi Souza de Matos (2025), a Confissão de Guanabara aconteceu no contexto da França Antártica, colônia francesa no Brasil, que existiu entre 1555 e 1570. A colônia foi fundada na região da Baía do Rio de Janeiro, no estado que hoje leva este nome. Esta Confissão tem uma contribuição histórica e missiológica incalculável pelo fato de que seus escritores foram os primeiros a fazer um culto protestante e ministrar a Ceia em solo brasileiro,

ou nas Américas em geral, enviados por Calvino, conforme o historiador Souza de Matos relata:

Uma das mais antigas declarações da fé reformada foi escrita no Brasil, em meados do século XVI. Seus autores foram huguenotes (calvinistas franceses) enviados pelo próprio reformador João Calvino e pela Igreja Reformada de Genebra. O contexto desse notável documento foi a França Antártica, uma colônia criada na baía de Guanabara, em novembro de 1555, pelo militar Nicolas Durand de Villegaignon. Desejoso de colonos com valores mais sólidos, o comandante escreveu a Genebra pedindo o envio de evangélicos. Em resposta, a Igreja mandou um grupo de catorze pessoas, entre as quais dois pastores. O pequeno contingente desembarcou no Rio de Janeiro no dia 10 de março de 1557, ocasião em que foi realizado o primeiro culto protestante no Brasil e nas Américas.

O que era um convite de Villegaignon transformou-se em traição por divergências doutrinárias. Foram presos acusados de serem traidores e espiões, segundo Dr. Alderi Souza de Matos, eles “receberam um questionário sobre pontos teológicos, tendo poucas horas para respondê-lo. A resposta, escrita com tinta de pau-brasil pelo leigo Jean de Bourdel, ficou conhecida como ‘Confissão de Fé da Guanabara’”. Os outros signatários foram Pierre Bourdon e Matthieu Verneuil. Villegaignon alegou que eles eram hereges e, na sexta-feira 9 de fevereiro de 1558, ordenou a execução de Bourdel, Bourdon e Verneuil. A história desses mártires evidencia que a semente do evangelho foi plantada no Brasil, bem próximo do seu descobrimento, mostrando a preocupação missionária de Calvino que é duramente, e erroneamente, questionado por não ter feito missões. Evidencia-se também a boa formação de liderança e nível de exigência que era praticada naquela época, o que foi demonstrado na qualidade e profundidade do documento escrito por estes homens em tão pouco tempo que tiveram para exposição da fé. Quase quinhentos anos depois, observa-se uma igreja reformada no Brasil expandindo com base nas Escrituras e nos símbolos de fé deixados por irmãos, fiéis a Cristo, como estes que subscreveram a Confissão mais antiga das Américas.

Portanto, a vida e obra destes signatários da Confissão de Guanabara servem de inspiração para o desbravar do anúncio do evangelho em locais urbanos ou remotos, auxiliam como exemplo para inícios de comunidades de fé e ajudam no fortalecimento para a formação ou continuidade da liderança de uma igreja. Mesmo

diante da morte, esses irmãos huguenotes estavam convictos de sua fé confessional e foram sustentados pelo Autor e Consumador da fé, mantendo o olhar firme em Jesus (Hb 12.2). As Confissões servem de base de fé que uma igreja acredita em termos de interpretação bíblica e tem relação com a “perenidade” na solidez doutrinária da congregação, servirá nos momentos de alegria ou nas tribulações como no próprio martírio. Uma igreja plantada com uma fiel Palavra, com doutrinas bem embasadas biblicamente, sendo administradas por lideranças que buscam esta fidelidade, glorificará a Deus em sua jornada, mesmo custando a própria vida. Afinal, o Autor da vida entregou a sua própria vida para a salvação daqueles que foram comprados a preço de sangue, aqueles que fazem parte da igreja invisível do Senhor.

3.2 Considerações finais deste capítulo

Em suma, ainda que alguém não declare adesão a uma confissão de fé específica, na prática, vive sob um sistema de crenças, mesmo que implícito. Dessa forma, as confissões de fé e os credos exercem um papel fundamental na preservação e sistematização da doutrina cristã ao longo dos séculos quando regulada pela Escritura como única fonte detentora de autoridade e de conhecimento dos atos de Deus. Assim, embora não substituam a Bíblia, as confissões são um meio eficaz de interpretar e comunicar a fé cristã, garantindo a continuidade da verdade bíblica na vida da Igreja. Referente a esses documentos históricos, entende-se que no começo do plantio de igrejas reformadas estes ensinamentos devem ser sistematicamente trabalhados com os membros e, principalmente, com os líderes da igreja em formação. É vital para uma igreja reformada a confessionalidade e o fato da Igreja Presbiteriana exigir que os oficiais subscrevam a CFW, por exemplo, permite que estes sólidos ensinamentos sejam perpetuados ao longo de gerações.

CAPÍTULO III

4. ABORDAGEM PASTORAL E PRÁTICA

4.1 Introdução ao discipulado

No primeiro capítulo, esta pesquisa concentrou-se na análise de princípios bíblicos relacionados à igreja e à liderança, conforme apresentados nas Escrituras Sagradas, onde os personagens participantes da Aliança demonstraram um princípio de liderança servil que apontava para o líder servil perfeito, Cristo Jesus. No segundo capítulo, o empenho foi em mostrar a importância dos líderes pelo olhar das confissões reformadas e seus serviços na igreja e nos concílios. Neste capítulo, busca-se aprofundar o embasamento prático sempre relacionado com a problemática e a justificativa delineadas no início desta obra. Almeja-se criar um modelo de discipulado na formação de uma liderança servil espelhando-se no caráter de Cristo. A vida e obra do apóstolo Paulo, principalmente nas cartas chamadas pastorais, apresentam embasamentos práticos de discipulado imitando Cristo e portanto, será analisado no contexto de mentoria. Os personagens participantes da Aliança foram direcionados pela Palavra de Deus, que em muitos momentos falou diretamente, para execução de suas tarefas, para o cumprimento histórico redentivo, que estavam relacionadas com a condução da Igreja do Senhor na terra. Na plenitude dos tempos, na encarnação, o cumpridor da Nova Aliança, Cristo Jesus no seu ministério, principalmente na região da Galileia, escolhe o discipulado para ensinar as pessoas que conduziriam sua obra terrena após seu retorno ao Pai. Corroborando com este entendimento, no livro *O Plano Mestre de Evangelismo*, Coleman (2006, p.17) diz que o planejamento de Jesus era arregimentar e discipular pessoas para testemunhar a respeito dEle “e manter sua obra em andamento depois que retornasse ao pai” e isso tudo começou com Cristo chamando alguns homens para segui-Lo. O foco de Jesus foi nas pessoas que a multidão iria seguir, futuros líderes que plantariam igrejas, e não no treinamento de uma grande platéia. Stott (2011, p.10), falando sobre *cristão* e *discípulo* defende que “durante três anos de ministério público, os doze foram discípulos antes de serem apóstolos e, como discípulos, estavam sob a instrução do seu Mestre e Senhor”,

concluindo que para ser cristão e discípulo tem que ter um relacionamento com Jesus, entre aluno e professor. Portanto, partindo deste princípio de formação de líderes através do discipulado é que este capítulo se desenvolve tendo a orientação bíblica como fonte de busca de diretrizes para ação pastoral e prática.

4.2 A pregação da Palavra de Deus

A Palavra de Deus é a revelação do Criador. “Essa revelação está sempre se desdobrando, sempre progredindo, sempre na parte crucial da vida, sempre guiando, dirigindo, sustendo, corrigindo e avisando as pessoas,” conforme apresenta Van Groningen (2019, p.19). É a forma que Todo Poderoso usa para demonstrar como lidou com Israel e como entregou seu Filho, e o resultado da obra de Jesus na Terra. No primeiro capítulo desta obra, encontra-se a importância e os embasamentos sobre princípio de Igreja e liderança à luz das Escrituras. Conforme demonstrado, é imperativo afirmar que “somente a Escritura é a regra inerrante para a vida da igreja” (Declaração de Cambridge - 1996), devendo ser a principal fonte de orientação na busca por princípios de liderança eclesial. A CFW sabiamente apresenta, no seu primeiro capítulo, a definição de Escritura e em um dos pontos comentados diz que é autoritativa e deve ser crida e obedecida, “não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o Autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a Palavra de Deus.” Os membros da Assembléia de Westminster continua dizendo:

Pelo Testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço pelas Escrituras Sagradas; a suprema excelência do seu conteúdo, a eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o escopo do seu todo (que é dar a Deus toda a glória) [...] contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provêm da operação interna do Espírito Santo que pela Palavra e com a Palavra testifica em nossos corações.

Sabe-se de forma infalível que “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça”. O versículo continua mostrando a finalidade da inerrante Palavra nesse contexto; “a

fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra." (2 Tm 3.16 ARA). O líder precisa estar habilitado para a boa obra na igreja. No segundo capítulo, desenvolve-se a interpretação, através das confissões, da revelação progressiva de Deus para seu povo. Estas revelações exigem proclamação a fim de que as gerações posteriores tenham acesso ao entendimento de fé dos antepassados e pratiquem, obedecendo a Escritura que é autoridade suprema. Nas últimas palavras de Jesus, antes de ser assunto ao céu, a razão de ser da igreja é claramente estabelecida na Grande Comissão em Mateus 28.18-20. Ali, Jesus declara: "Toda autoridade me foi dada no céu e na terra," afirmando Seu domínio soberano como Deus. A igreja é chamada a reconhecer essa autoridade por meio da adoração e do discipulado, duas realidades inseparáveis no propósito divino. Partindo deste entendimento, plantar igrejas é essencial para expressar a glória de Cristo e centralizar a adoração a Deus, pois onde a autoridade de Cristo é proclamada, há um chamado para cultuar e há uma grande possibilidade de formar uma comunidade que adora ao Senhor. Esse entendimento é corroborado por toda a Escritura, onde a adoração a Deus precede e fundamenta a formação de líderes, como mostrado no primeiro capítulo. Na Grande Comissão, Cristo estabelece o culto como princípio fundamental da igreja, e o discipulado; "Ide e fazei discípulos", como o princípio de liderança. Jesus convoca Seus seguidores a adorar a Deus, reconhecendo Sua autoridade, e a liderar outros no mesmo caminho.

Todos os personagens envolvidos na aliança, apresentados no primeiro capítulo, foram chamados a adorar a Deus e demonstraram um princípio específico de liderança que é a liderança servil, não perfeita, que apontava para Cristo que exerceria de forma cabal. O termo mais utilizado para liderança nas Escrituras é servo, conforme comenta Tripp (2022, p.135). Conforme o ensino de Jesus, a Palavra encarnada (Jo 1.14), o maior dos mandamentos envolve o amor a Deus e ao próximo (Mt 22.37–39), isso resumia a Lei e os profetas que era Escritura existente na época, o que implica um chamado à adoração genuína a Deus e ao exercício de uma liderança fundamentada no serviço. Amar, nesse contexto, significa obedecer aos mandamentos do Senhor (Jo 14.21), e liderar, à semelhança de Cristo, é servir abnegadamente. Assim, o discipulado para a liderança constitui uma extensão da adoração, princípio transitório do culto eterno, no qual o serviço ao

próximo reflete o reconhecimento da autoridade e do caráter de Deus revelados nas Escrituras. Cristo, em Sua perfeição e autoridade, é a expressão suprema tanto da adoração ao Pai quanto da liderança servil, pois serviu a Deus e ao próximo em amor, sendo o centro de toda a história da Igreja. O potencial líder da igreja deve compreender plenamente o seu chamado à liderança e isso acontece com a exposição fiel das Escrituras. A forma que ele será capacitado, discipulado e instruído é segundo os princípios da Palavra de Deus. O modelo de liderança que será desenvolvido deve refletir o caráter de Cristo. Assim, o discipulado autêntico deve fundamentar-se exclusivamente nas Escrituras, à semelhança de Cristo, a Palavra encarnada, que glorificou ao Pai por meio de Sua obra redentora.

4.3 Oração na dependência do Espírito

Quando John Bunyan (1628-1688) estava na prisão, em 1662, ele escreveu sobre oração e disse que “é o derramar de modo sincero, consciente e afetuoso o coração ou alma diante de Deus, por meio de Cristo, no poder e ajuda do Espírito Santo”. O escritor de *O Peregrino* atrelou a oração à Palavra de Deus quando continuou dizendo que buscamos “as coisas que Deus prometeu, ou que são conforme a Sua Palavra, para o bem da igreja, com submissão, em fé, à vontade de Deus.” Yancey (2007, p. 70) explica que “Jesus parecia perfeitamente à vontade com o Pai e pouco à vontade com o mundo. Para ele, a oração era um agradável recurso para lembrar a realidade cósmica, a ‘vista de cima’” tantas vezes camuflada neste mundo. A oração sacerdotal de Jesus, em João 17, é um dos textos mais claros sobre sua intercessão pelos discípulos imediatos e pelos futuros crentes: “Eu rogo por eles; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus.” (Jo 17.9). Desta forma, percebe-se a importância da oração como meio que Deus usa para formação da liderança que guiará o rebanho do Senhor. “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim por intermédio da sua palavra.” (Jo 17.20)

Jesus ora pela santificação dos discípulos (v. 17), unidade para que o mundo creia (v. 21) e missão de Cristo e dos discípulos no mundo (v. 18),

antecipando que esses homens seriam instrumentos da expansão do Reino, mas que dependiam da graça de Deus, solicitada por meio da oração de Jesus Cristo.

O apóstolo Paulo mostra em seus escritos uma prática constante de oração por aqueles que ele discipula e treina para o ministério: “Não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações.” (Ef 1.16). No envio da carta pastoral para seu discipulando Timóteo, é evidenciado o princípio da oração como meio de graça sobre a vida do “verdadeiro filho na fé” (Tm 1.1) e a gratidão a Deus por parte do mentor: “Dou graças a Deus, a quem desde os meus antepassados sirvo com consciência pura, porque sem cessar faço menção de ti nas minhas orações, noite e dia.” (2Tm 1.3). As orações de Paulo envolviam gratidão, petição por sabedoria (Ef 1.17), fortalecimento espiritual e pleno conhecimento da vontade do Senhor (Cl 1.9–11) e perseverança na fé, indicando que o apóstolo compreendia a necessidade de oração constante em favor dos seus líderes em formação.

O Puritano Jeremiah Burroughs (2015, p.307) dizia que “é a confiança que temos para com ele [Cristo], que se lhe pedirmos alguma coisa conforme a sua vontade, ele nos ouve”, mas é preciso certificar-se que a oração glorificará a Deus, podendo ser para o bem pessoal ou para o bem de outros irmãos. O assunto da oração e a maneira de orar devem estar de acordo com a vontade de Deus, é assim que Deus ouve (1Jo 5.14). Alguém poderia perguntar: se Deus é soberano e já decretou o que vai acontecer, por que devemos orar? Pink (1977, p.131) responde com uma sabedoria ímpar que “Deus já decretou que certas coisas irão acontecer, mas também decretou que sucederão através dos meios que ele mesmo determinou para levá-las a efeito.” A oração é o instrumento, dentre outros, que Deus usa para cumprir os seus decretos. Portanto, a oração constitui-se como uma das ferramentas essenciais para a formação de líderes em contextos de plantação de igrejas, devendo ser uma prática constante na vida do plantador. Este deve interceder por aqueles que serão futuros líderes, assim como ensinou o Mestre, foi imitado por Paulo e deve ser igualmente praticado por nós, em conformidade com a soberana vontade de Deus.

4.4 Relacionamento com foco no discipulado

Deus é relacional e não é um ser impessoal; Ele se relaciona conosco e se revelou a nós por meio da sua Palavra! Francis Schaeffer (2017, p.104) expressa com maestria sobre esse assunto dizendo que “Deus fez o homem à sua própria imagem. Ele fez o homem como ser que verbaliza propostas e afirmações na sua comunicação horizontal com outros seres humanos.” Cristo nos mostra a perfeição desse relacionamento se encarnando e se entregando por amor, para aplacar a ira de Deus contra os pecadores e para a glória de Deus. Paulo nos estimula a vivermos juntos em amor (Rm 12.10). Ronaldo Lidório (2023, p. 144) nos orienta que vemos esse padrão no comportamento do apóstolo Paulo. “Ele não apenas proferia um claro ensino nos cultos e nas cartas, como também se aproximava para ouvir e falar ao coração do povo. Pastoreio é cuidado e envolve relacionamento; é ouvir e ser ouvido; e estreitar as questões da alma.” O resumo do mandamento do nosso Deus é sobre relacionamentos, com Deus e com o próximo (Mt 22. 37-40). Quando o foco é relacionar para discipular, necessariamente, envolverá convívio, tempo dedicado intencionalmente ao discípulo, tempo para passagem do legado. Newton (2023, p.77) corrobora com esse entendimento quando faz uma reflexão sobre os *relacionamentos*, e defende que a conduta correta está baseada na teologia correta, comportamento que honra a Palavra de Deus. O relacionamento deve ser intencional, buscando a passagem do legado cristão, comportando-se corretamente a partir de uma doutrina fiel. A formação de um líder na plantação de uma igreja demandará tempo dedicado para o fortalecimento do relacionamento e aprendizado. Mark Dever (2015, p.52) concorda quando diz que “um dos usos mais bíblicos e valiosos de seu tempo [...] será o cultivo de relacionamentos pessoais de discipulado, nos quais você se encontrará regularmente com pessoas, uma a uma, para fazer-lhes o bem espiritual.”

Diante do exposto, é evidente que o discipulado cristão fundamenta-se no relacionamento intencional e comprometido com o próximo, refletindo o próprio caráter relacional de Deus. A formação de líderes exige tempo, paciência, convivência e uma doutrina sólida que se traduz em comportamento coerente com a fé professada. Como demonstram Schaeffer, Lidório, Newton e Dever, o discipulado eficaz se dá no contexto do convívio amoroso, da escuta atenta e da transmissão fiel

do legado cristão. Assim, o relacionamento torna-se um instrumento do processo formativo para que o líder seja moldado e expresse o amor de Deus em ação dentro da igreja e na sociedade.

4.5 Conversão como premissa

Uma premissa importante no contexto de liderança é que necessita-se de uma conversão genuína por parte do futuro líder, o sopro do Espírito tem que ser evidente através dos frutos que são apresentados antes da indicação para o exercício da liderança. O arrependimento da vida anterior de pecado para uma nova vida de fé na Obra maravilhosa de Cristo. O morto em seu delito e pecado deve demonstrar sinais de vida verdadeira dada por Deus e mudança de comportamento em seu lar, igreja e sociedade. Bavinck (2012, p.143-144) diz que a conversão é obra de Deus e seu dom, “mas realizada através do intelecto e da vontade própria da pessoa”. Quando Deus converte uma pessoa, essa pessoa é convertida e, então, converte-se.” Lidório (2002, p.42) falando da sua experiência com os Konkombas, em uma tribo africana, conta a história de um feiticeiro que o Senhor transformou em um homem cheio do Espírito Santo em um Presbítero e conclui que Deus deve ser louvado porque “converte nossos corações”. Green (2020, p.199) aborda o tema conversão e defende que nada mais é que “voltar-se para Cristo em arrependimento e fé.” Em suma, a conversão é a total entrega a Cristo por meio da fé salvadora e de um arrependimento de pecados, permanecendo nEle e produzindo frutos que comprovam a mudança genuína. Portanto, um líder precisa, necessariamente, de ser convertido ao evangelho para conduzir o rebanho de Cristo.

4.6 O discipulado de Paulo como modelo

As cartas pastorais de Paulo a Timóteo e a Tito, mostram uma estrutura que esclarece alguns detalhes da forma que este apóstolo discipulava seus companheiros iniciantes no ministério. Newton (2023, p.69-84) diz que “Paulo os discipulou tendo em vista a igreja”, ensinando-os e sendo modelo de multiplicação

de líderes cristãos. Phil Newton acrescenta que ele não somente influenciou Timóteo e Tito a segui-lo, mas estabeleceu o exemplo para outros seguirem (2Tm 1.3-4,8-14; 2.14-26; 3.10-17; 4.6-8; Tt 3.1-8). “Ensinava muito mais do que doutrina; ele era modelo de maneira de vida em Cristo (1Tm 4.16).” O autor defende que o regime de treinamento paulino envolvia *afirmações doutrinárias e confessionais, sistema de governo, liderança, relacionamentos e instrução pastoral geral*, acrescentando que esse é um currículo para os mentores contemporâneos na formação de seus discípulos. Quanto às *afirmações doutrinárias e confessionais*, “Paulo explica o uso correto da Lei pelo evangelho, contrastando seu mau uso pelos falsos mestres (1Tm 1.8-11)”. De forma aplicável, para os mentores contemporâneos, é a base teológica saudável para toda conduta da igreja. Em relação ao *sistema de governo*, Paulo tratou da “responsabilidade pastoral pela membresia (1Tm 5.1-2), autoridade disciplinar na comunidade (1Tm 5. 19-20), representação ao mundo externo (1Tm 3.7) e a preservação, transmissão e defesa do ensino”. Newton indica que devemos seguir os métodos paulinos:

A prática passada por Paulo e implementada por Timóteo e Tito, de instalar presbíteros como líderes pastorais nas igrejas locais, estabelece a estrutura para gerações subsequentes seguirem. O treinamento de homens fiéis que serão capazes de ensinar e treinar outros assegura que a fé apostólica continua, os líderes desenvolvidos aprendem a aplicar o evangelho a todas as áreas da vida e a missão da igreja se expande.

O autor continua desenvolvendo a ideia dizendo que os pastores ou plantadores devem desenvolver e reconhecer novos líderes orientando-os “nas doutrinas da fé, exigindo prestação de contas deles para o desenvolvimento do caráter cristão e confiando a eles as responsabilidades do ministério, discipulando-os durante todo o processo.” No quesito *liderança*, apresenta-se uma mentoria bíblica que “transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir outros” (2Tm 2.2), chamada de uma liderança alimentadora que inspeciona e pastoreia, mas não é dominadora. “Liderança centrada primeiramente no serviço ao rebanho por meio de ensinar a ele a palavra de Deus (At 20.28)”, esse é o tipo de liderança chamado nesta obra de liderança servil centrada na Escritura. Phil continua dizendo que líderes não somente ensinam, mas são exemplos para a comunidade de fé, alinhando doutrina aprendida com comportamento prático. O

autor sugere que esse discipulado seja executado em pequenos grupos ou um a um. “Tal prática dá aos discípulos a oportunidade para observar, fazer perguntas e entrar na esfera do entendimento e aplicação prática que o mentor tem do evangelho sobre os detalhes de casamento, família, comunidade, ministério e missão.” Portanto, Phil considera que “ao construir relacionamentos e estar acessível aos discípulos, as portas se abrem para focos mais intencionais sobre treinamento que afetam mais do que apenas seus ministérios - transformam suas vidas”. Refletindo sobre os *relacionamentos*, Newton defende que a conduta correta está baseada na teologia correta, o comportamento deve honrar a Palavra de Deus. O relacionamento deve ser intencional, buscando a passagem do legado cristão, comportando-se corretamente a partir de uma teologia correta. Relacionamentos podem ser complicados e Paulo também alerta sobre esses conflitos, inclusive citando nomes como o de Alexandre que havia causado muitos males (2 Tm 4.14-15). De forma prática, é sugerido que os líderes em formação participem das reuniões do conselho, com exceção das sessões executivas, e de deliberações do dia a dia, para “um retrato mais claro da liderança do ministério do tipo ferro afiando ferro”, gerando uma estrutura eficaz na formação do líder. Quanto às *instruções pastorais gerais*, Paulo apresenta uma lista fundamental de assuntos críticos que envolvem; ensino, treinamento, culto, conduta comunitária e cuidado com as viúvas. O treinamento é considerado diretamente pela Escritura como útil “para a educação na justiça” (2Tm 3.16) e “metaforicamente pela figura atlética para o treinamento em piedade (1Tm 4.7-8; 2Tm 2.5). Como Paulo treinou seus discípulos, eles deviam treinar outros.” A instrução pastoral para o culto (1Tm 2. 1-12), mesmo não sendo uma determinação de liturgia formal, direcionava na execução do ensino fiel e da adoração. A exposição da Palavra como elemento principal do culto foi reconhecida na igreja antiga. O autor do livro *Formação de líderes na igreja local*, recomenda que o mentor treine seus liderados para “esse aspecto crítico da vida comunitária”. A conduta de cada faixa etária deveria ser observada e orientada (Tt 2.2-10), a sujeição às autoridades governamentais e a “prontidão para as boas obras” confundiria aqueles que olhavam para os cristãos como problemáticos (Tt 3. 1-2). Missões deveriam ocorrer além da comunidade local. Em relação às viúvas:

Paulo demonstrou interesse que os filhos adultos cuidassem de suas mães viúvas para que a igreja pudesse focar naquelas que tivessem necessidades

genuínas, a quem ele chamou "verdadeiramente viúvas" (1Tm 5.3). Ele ainda qualificou o apoio às viúvas que exercessem disciplinas espirituais particulares regularmente (1Tm 5.5,9-10). As viúvas mais jovens deviam ser encorajadas a se casarem novamente: "[...] criem filhos, sejam boas donas de casa e não deem ao adversário ocasião favorável de maledicência" (1Tm 5.13-14).

Nota-se que Paulo dedicou atenção considerável às viúvas, assim como se observa no Pentateuco, em Jó e na preocupação demonstrada por Jesus. Isso evidencia que “o ministério deve tocar o todo da vida ou provará ser deficiente no ofício pastoral.”

As qualificações dos presbíteros e diáconos, líderes da igreja, foram listadas por Paulo, conforme já expressas no primeiro capítulo deste trabalho, e serão comentadas abaixo. O Apóstolo Paulo orientando Timóteo (Tm 3. 1-13) diz que o presbítero precisa ser irrepreensível, e isto significa que “uma pessoa não dá motivos para suspeitas de imoralidades ou atitudes questionáveis”, conforme defende Anyabwile (2015, p. 75), mas não quer dizer que a pessoa tenha “uma vida de perfeição e sem pecados”, mas sim uma vida digna do chamado de Deus (Efésios 4.1; 5.1-2; Filipenses 1.27; Colossenses 1.10-12). Maridos de uma só mulher; o assunto é mais abrangente e envolve “a pureza sexual que é um pré-requisito para alguém que deseja assumir o ofício de presbítero” (ibid., p. 83). Esta pureza ocupa uma importante função em defesa da fé “e evangelística no testemunho cristão”. Paulo frisava que os líderes deveriam ser temperantes e autocontrolados. “Pessoas temperantes estão livres da influência excessiva da paixão, lascívia ou emoções.” Quando o Senhor trabalha no coração do homem e o faz temperante, ele “não se embriaga com vinho, poder, lascívia ou qualquer outra coisa.” A próxima qualificação é o autocontrole. “Um presbítero tem de ser uma pessoa que se refreia. É decente em sua conduta, não é precipitado ou age impensadamente, mas é sensível, discreto e sábio” (ibid., p. 90). Outro requisito é a hospitalidade, que é a expressão do amor de uma forma tangível. Os cristãos são chamados para amar uns aos outros (João 13.34-35) e também os inimigos (Mateus 5.43-47). A hospitalidade facilita o evangelismo e o discipulado. Apto para ensinar é uma importante qualificação para o líder, “é um dom peculiar, que se requer de homens que aspiram ser presbíteros ou pastores,” ensinar é central e vital na

proclamação do evangelho e no fazer discípulos: "...ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado" (Mateus 28.18-20). Esse critério "se refere à habilidade de comunicar e aplicar a Escritura com clareza, coerência e de forma a frutificar." Quanto às qualificações de ser sóbrio, gentil e pacificador, Anyabwile (2015 p. 114) diz que é "não 'ser dado ao vinho', sugerem a tendência de tomar bebidas intoxicantes em excesso, até perder a faculdade de uma mente sóbria." A violência acompanha a intoxicação e uma pessoa briguenta não pode ser um presbítero. "Não deve ser argumentativo ou causar divisão", pelo contrário, deve ser o pacificador, aquele que está pronto para resolver conflitos. Não amantes do dinheiro, ou em outras palavras "avarentos por lucro sujo". O autor expressa que "Paulo tem em mente algo que é indecente, um ganho desonroso, ganho ao custo de um caráter moral." O presbítero e mesmo o diácono não deve ser um esbanjador. O líder deve governar bem a sua própria casa, "pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?". Antes de ser um líder da igreja do Senhor, é necessário que governe sua casa consistentemente bem, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito e autoridade. "Se ele não puder governar sua pequena família, tampouco poderá governar a maior família, a igreja. Deus chama um presbítero para nada menos que atender à casa e família de Deus" (ibid., p. 130). A imaturidade e a falta de humildade também são tratadas quando o apóstolo Paulo diz "não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo" (v.6). O termo literal seria: "recentemente plantado" na fé. "Como o tenro broto de uma planta, um novo convertido não terá a capacidade para aguentar o contínuo, difícil e pesado caminhar do ministério. Sua fé não pode ser nova, mas de idade, como uma árvore de anos, que produz frutos maduros." É necessário, como qualificação, que o líder tenha bom testemunho dos de fora, respeito e forte reputação entre os não participantes da comunidade da fé. "Pessoas que não são cristãs, poderão corroborar ou refutar o testemunho de um potencial presbítero" (Anyabwile, 2015, p. 75-130). Essas qualificações ou os indícios delas devem ser observados para o recrutamento de potenciais líderes que serão treinados através do discipulado bíblico. Constata-se, portanto, que o apóstolo Paulo discipulava seus companheiros, iniciantes no ministério, tendo em vista as igrejas que estavam sendo plantadas, ensinando-os e sendo modelo de multiplicação de líderes cristãos. Observa-se, também, excelentes orientações para

o desempenho prático do discipulado do líder em formação de uma comunidade cristã nos dias atuais. Esta formação, embasada biblicamente, glorificará a Deus, independente dos resultados.

4.7 Confissões e Catecismos como modelo

O discipulado eficiente de Jesus com seus discípulos incluía perguntas e respostas, citações diretas das Escrituras, parábolas com a devida explicação para seus seguidores mais próximos. Paulo foi imitador do Mestre e utilizou esse recurso, inspirado pelo Espírito Santo, chamou seus leitores para serem imitadores dele como ele era de Cristo. Uma das formas didáticas de aprendizado é utilizando perguntas e respostas e igrejas reformadas ao redor do mundo utilizam Confissões de Fé e seus catecismos como base para catequese, explicação oral através de perguntas e respostas, ensino e disciplina eclesiástica. No contexto brasileiro, as confissões reformadas têm sido fundamentais para a identidade teológica das igrejas presbiterianas, que utilizam, principalmente, a CFW, o Catecismo Maior e o Breve Catecismo de Westminster. Os reformadores usaram confissões ao longo dos anos para formar e discipular os crentes e em meio a eles a liderança da igreja. As confissões como um sistema de exposição das Escrituras. É o que diz, por exemplo, a nossa CI-IPB 1º quando afirma que os nossos símbolos de fé são o nosso “sistema expositivo de doutrina e prática”. Este capítulo é exatamente sobre a parte prática.

O grande reformador Martinho Lutero usava seu *Catecismo menor* (1529) para instrução familiar, principalmente das crianças, e o *maior* (1529), também conhecido como *catecismo alemão*, voltado para lideranças, conforme expressa Nichouls (2017, p.175), no seu livro intitulado *Além das 95 teses*. Corroborando com esse entendimento, conforme argumentado sobre a sua importância no capítulo anterior, propõe-se, como modelo de discipulado de novos líderes, o uso da Confissão de Fé de Westminster, do Catecismo Maior e do Breve Catecismo. A análise caberá ao Plantador, sobre qual usar, a depender do grau de instrução da sua igreja em plantação.

No livro *Formação de líderes na igreja local*, Phil Newton (2023, p.203) fornece importantes orientações para um planejamento de mentoria, listadas abaixo, que visa desenvolver um programa de curso:

Planeje uma **agenda semanal** para mentoria **face a face e aulas de pequenos grupos**. Adquirar os recursos necessários para os estagiários pastorais; decida se eles devem arcar com parte das despesas. Planeje o **nível de obrigações** nas quais os aprendizes estarão envolvidos. Planeje **relacionamentos de prestação de contas** entre os estagiários e a liderança da igreja. Planeje **envolvimento entre a congregação** e os estagiários pastorais. Decida se os estágios serão de tempo integral e o valor da bolsa, se for estipulada, para o suporte; ou de tempo parcial e a bolsa necessária, se for estipulada; **desenvolva o cronograma de acordo**. Identifique áreas específicas e estritas de foco de acordo com as necessidades dos estagiários. Delegue responsabilidades pelo treinamento a pastores, presbíteros, equipe ministerial e diáconos.

Newton chama de *estagiários* o que chamamos de *líder em formação*, propondo *como fazer* de forma prática e objetiva. Além do uso da CFW e dos catecismos e do modelo anteriormente mencionado, a igreja cristã reformada brasileira dispõe de um material didático intitulado *Curso de Discipulado: Estudos Bíblicos sobre a Vida Cristã*, publicado pela editora Cultura Cristã (2018). Trata-se de uma série de estudos organizados em seis volumes, com perguntas e respostas que conduzem o discipulando, sob a orientação de seu mentor, à reflexão e à aplicação prática dos ensinamentos das Escrituras. A estrutura do curso guarda semelhança com o método catequético, ao utilizar o formato dialógico como ferramenta para o ensino da fé cristã.

O *Livro 1, Jesus Cristo, Sua Vida e Obra*, aborda temas fundamentais como a identidade de Jesus Cristo, sua obra redentora e a vida eterna concedida por meio dele. O *Livro 2, A Nova Vida*, trata das implicações da nova vida em Cristo, destacando o senhorio de Jesus, a importância da vida devocional e o testemunho cristão. O *Livro 3, Conversando com Cristo*, apresenta a doutrina da Igreja, a autoridade das Escrituras e princípios para uma vida de oração. O *Livro 4, O Crescimento Cristão*, enfatiza a maturidade espiritual, a demonstração do caráter de Cristo, o desenvolvimento da integridade e o progresso no discipulado, relacionando obediência com bênção. O *Livro 5, O Desenvolvimento da Sua Fé*, discute temas

como a natureza de Deus, a pessoa e obra do Espírito Santo, o conflito com o pecado, a atuação do inimigo e a esperança na segunda vinda de Cristo. Por fim, o *Livro 6, Servindo os Outros*, propõe uma vivência prática da fé, abordando o evangelismo, o discipulado de outros, a oração intercessora, a contribuição financeira e a missão da igreja no mundo.

Esse curso, portanto, configura-se como uma ferramenta útil na formação espiritual de novos convertidos, auxiliando no amadurecimento da fé e no engajamento com a missão da igreja, mas também na formação de novos líderes, sob a supervisão do plantador ou de líderes espiritualmente maduros. Temas necessários e específicos como *governo da igreja* e *disciplina eclesiástica* poderão ser aprofundados em um discipulado específico após a conclusão deste. A carga teológica das Confissões e Catecismos é mais abrangente e já testada pelo crivo da história, tornando-se modelo eficaz de discipulado para formação de liderança como executado pelos reformadores.

4.8 Parceria acadêmica como suporte

Entende-se ser importante, em casos específicos que devem ser avaliados pelo plantador, a parceria da igreja, que está no processo de plantio, com uma instituição acadêmica. A igreja presbiteriana do Brasil possui os Seminários, Institutos e o Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ), para que os líderes em formação e aperfeiçoamento possam se aprofundar em determinados assuntos de importância eclesiológica que o plantador ou pastor local não tenha condições de ensinar. Newton (2023, p.203) propõe uma lista em relação a essa possível parceria que pode ser para crédito acadêmico, professores qualificados e especializados em algumas disciplinas que o plantador ou pastor não tenha credenciais necessárias, “possibilidade de sediar aulas do seminário em sua igreja com professores do seminário lecionando-as” e o uso dos recursos de biblioteca, possibilitando que a igreja local mantenha seu foco na aplicação pastoral. Desta forma, expressa-se esta importante opção de ensino, através de uma parceria, para que o plantador tenha um leque ampliado de apoio.

4.9 A soberania de Deus na vocação e manutenção de líderes

A teologia reformada afirma que Deus é soberano em todas as áreas da existência, inclusive na vocação ministerial. A eleição divina precede qualquer ação humana, como mostra o apóstolo Paulo: “assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo” (Ef 1.4). Os líderes estudados, participantes da Aliança, foram chamados e sustentados por Deus em toda a caminhada. Constata-se no primeiro capítulo, extraindo os princípios de igreja e liderança, que Abraão foi chamado, convocado por Deus para sair da sua terra. Waltke (2010, p.246), sabiamente diz que “a mesma palavra que chamou o cosmos à existência agora chama Abraão a trazer uma nação à existência”. O Líder em formação que tem convicção do seu chamado, a consciência interna de vocação e o reconhecimento externo da comunidade de fé, deve apoiar nesse Deus que chama para sua obra. Jeremias, também, testemunha essa realidade ao relatar seu chamado profético da parte do Senhor: “Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações. (Jr 1.4-5). A Palavra veio a Jeremias proveniente do Deus da Aliança, por isso defende-se que a Escritura é primordial, constituindo um líder que levaria os oráculos do Senhor às nações, antes da formação de Jeremias no ventre de sua mãe. Essa compreensão se apoia no princípio de que o ministério é uma vocação divina, e não uma iniciativa do indivíduo ou da instituição, Ele que chama e mantém, o Senhor é quem convoca e supre os líderes de uma igreja em plantação.

5. CONCLUSÃO

A plantação de igrejas e a formação da liderança são obras do Senhor da Igreja. Soberanamente, Ele continuará sustentando o Seu povo, como se observa em toda a história da humanidade, desde o Éden, permeando todos os acontecimentos que envolvem os participantes da aliança, até a gloriosa segunda vinda de Cristo e por toda a eternidade. Ao longo desta pesquisa, buscou-se demonstrar que a liderança cristã deve estar fundamentada na Escritura Sagrada, tendo Cristo como o centro e fundamento de todo governo eclesial. Sendo Ele o Cabeça da Igreja, como afirma a própria Palavra de Deus (Cl 1.18) e interpreta a

Confissão de Fé de Westminster, é d'Ele que procedem tanto o modelo quanto a autoridade para o exercício da liderança espiritual, que deve ser servil.

A soberania de Deus não é apenas um termo acadêmico, mas uma realidade prática no cuidado com o Seu povo. Lidório (2002, p. 94), ao concluir seu relato sobre o trabalho missionário junto aos Konkombas — uma tribo africana —, afirma que “nem toda visão de um homem de Deus é necessariamente a visão de Deus”, inferindo que o plantador pode cometer inúmeros equívocos na formação da liderança e na plantação de igrejas. Contudo, ele finaliza com esperança ao declarar que “é o próprio Senhor Jesus quem está construindo a Sua Igreja na terra. Temos o privilégio, vez por outra, de estar no lugar certo e observar Deus fazendo o impossível acontecer.” Já Duarte (2011) adverte quanto às tentações do pragmatismo, afirmando que “uma igreja plantada sob a ótica dos resultados numéricos não obterá resultados espirituais”.

Na perspectiva reformada, é evidente que a liderança não deve estar alicerçada em métodos meramente humanos ou pragmáticos, mas na suficiência das Escrituras e na dependência da ação soberana do Espírito Santo. Diante dos desafios contemporâneos enfrentados pelas igrejas, especialmente em seus primeiros anos de plantação, este estudo reforça a necessidade de uma liderança intencionalmente discipuladora, servil e fiel à doutrina bíblica. Ao rejeitar modelos seculares de gestão eclesial e reafirmar a centralidade da Escritura, esta pesquisa visa contribuir com orientações práticas e teológicas para o fortalecimento da liderança local desde os seus primeiros passos.

Portanto, a pregação fiel da Palavra, a vivência prática da fé, a vida de oração e os relacionamentos centrados no discipulado devem nortear a formação da liderança na plantação da igreja. Jesus instituiu, na Igreja, um governo por meio dos oficiais — líderes da comunidade cristã — que, refletindo o caráter de Cristo, conduzem a Igreja em obediência à vontade de Deus, para a glória de Seu nome e o avanço do Seu Reino. Dessa forma, a igreja será influenciada, ensinada e disciplinada pelos líderes que Deus enviará para supervisionar o Seu povo, sempre debaixo do governo do Supremo Pastor, porque “nos céus estabeleceu o Senhor o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo” (Sl 103.19). ***Soli Deo Gloria!***

6. Apêndice:

6.1 *Definição de escopo do trabalho*

Este trabalho é sobre o desafiante processo de formação de liderança desde a plantação da igreja através do discipulado (mentoria).

Muitos outros princípios poderiam ser extraídos dos personagens bíblicos apresentados, mas esses alinham com a proposta inicial e já serão úteis para a aplicação do último capítulo.

O trabalho permeia os personagens considerados participantes diretos da aliança (Adão, Noé, Abraão, Moisés, Davi e Cristo), concluindo com o trabalho missionário de Paulo na difusão da aliança.

É de conhecimento do autor que existem outros aspectos com relação aos temas *Liderança, plantio de igrejas, formação de liderança*. Também sabe-se que os personagens apresentados tiveram papel importante em outras áreas que não foram mencionadas, mas fez-se necessário limitar o escopo do trabalho no objetivo inicial desejado.

Não é escopo detalhar toda a vida do personagem bíblico, mas extrair alguns princípios de liderança, principalmente o princípio de liderança servil, para aplicá-los na formação de líderes na plantação de igrejas.

Não é escopo do trabalho falar sobre revitalização de igrejas, apesar de considerar os princípios válidos para esse desafio.

Esse trabalho não é sobre plantação de igrejas exatamente. Não é sobre formação de liderança autóctone. Mesmo o autor sendo a favor dessa abordagem.

6.2 *Sugestões de pesquisa relacionadas*

Uma pesquisa abrangente sobre formação de liderança desde a infância, através do discipulado. Crianças precisam aprender sobre liderança servil.

Liderança autóctone por meio de discipulado.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, T. Desmond & ROSNER, Brian S. *Novo dicionário de teologia bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA (ARA). *Bíblia Sagrada*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ANYABWILE, Thabiti M. *Encontrando presbíteros e diáconos fiéis*. São Paulo: Editora Fiel. Edição do Kindle, 2018.

BANNERMAN, James. *A Igreja de Cristo: Um Tratado sobre a Natureza, Poderes, Ordenanças, Disciplina e Governo da Igreja Cristã* (VOLUMES 1 e 2). Os Puritanos. Edição do Kindle. 2014

BEEKE, J. R. e FERGUSON, S. B. *Harmonia das Confissões de Fé Reformadas*. São Paulo: Cultura Cristã. 2006. p.xiii.

BUNYAN, John. Site Monergismo Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/oracao/o-que-verdeira-oracao_bunyan.pdf
Acesso em: 01 mar 2025.

BURROUGHS, Jeremiah. *Adoração Evangélica* (Portuguese Edition). Edição do Kindle. Os Puritanos. 2015

BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, João. *Comentário bíblico de Gênesis*. Site Bibliaplus Disponível em: <https://www.bibliaplus.org/pt/commentaries/3/comentario-biblico-de-joao-calvino/genesis/12/7> Acesso em: 18 out 2024.

Catecismo Maior de Westminster. Site da IPB. Disponível em: https://ipb.org.br/content/Arquivos/Catecismo_Maior_de_Westminster.pdf. Acesso em: 15 julho 2024

CHUNG, Chun K. *Missão Primordial: Os fundamentos da Missão em Gênesis 1-11*. São Paulo, Missiológica, 2019.

CLOWNEY, Edmund P. *Encontrando Cristo no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2023.

COLEMAN, Robert. *O Plano Mestre de Evangelismo*. 2. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

Confissão Belga. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_belga.htm Acesso em: 18 fev 2025.

Confissão de Fé de Westminster. Site Monergismo. Disponível em: <https://www.monergismo.com/textos/credos/cfw.htm>. Acesso em: 15 julho 2024

Confissão de Guanabara. 1558. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/credos/confissao_guanabara.htm Acesso em: 20 fev 2025.

COXE, Nehemiah & OWEN, John. *Teologia Pactual de Adão a Cristo*. São Paulo: Editora Estandarte de Cristo, 2020.

Curso de Discipulado: Estudos Bíblicos sobre a Vida Cristã. São Paulo: Cultura Cristã. Vol 1-6. 2018.

Declaração de Cambridge. Site Monergismo. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/credos/declaracao_cambridge.htm. Acesso em: 15 jun. 2024.

DEVER, Mark E. e Paul Alexander. *Igreja Intencional*. São José dos Campos: Fiel, 2015.

DEVER, Mark E. Definição de diácono. Site Monergismo. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/igreja/diacono-definicao_dever.pdf. Acesso em: 20 mar 2025.

DUARTE, Jedeías de Almeida. *PLANTIO DE NOVAS IGREJAS: UMA ANÁLISE CONCEITUAL PRELIMINAR*. Site Fides Reformata XVI, Nº 1 - 2011: 31-47. Disponível em Fides_v16_n1-Plantio-de-Novas-Igrejas-Uma-Análise-Conceitual-Preliminar.pdf. Acesso em: 20 mar 2025.

FONTES, Filipe Costa. *Você educa de acordo com o que adora: educação tem tudo a ver com religião!* São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

GRAEME, Goldaworthy. *Pregando toda a Bíblia como escritura cristã x a aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.

GREEN, Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. 2º edição. São Paulo: Editora Vida Nova, 2020.

HODGE, A.A. *Confissão de fé de westminster comentada*. 4ª edição. São Paulo: Os puritanos, 2013.

YANCEY, Philip. *A oração: Ela faz alguma diferença?* 1ª edição,. São Paulo: Editora Vida; 2007.

KIDNER, Derek. *Gênesis - Introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2017.

King James Version (KJV). *Bíblia Sagrada*. Site Youversion. Disponível em: <https://www.bible.com/pt-PT/bible/1/GEN.1.KJV>. Acesso em: 12 out 2024.

LIDÓRIO, Ronaldo. *Konkombas*. LOCAL: CPAD; 6ª edição, 2002.

_____ *Liderança e Integridade*. Belo Horizonte: Betânia, 2008.

_____ *Igreja viva: buscando em Cristo o fortalecimento espiritual* / Manaus, AM : Kingdom Words, 2023.

_____ *Plantando igrejas*. São Paulo: Cultura Cristã. Edição do Kindle. 2018.

LOPES, Augustus Nicodemus. *Paulo, Plantador de igrejas Repensando Fundamentos Bíblicos da Obra Missionária*. Site Fides Reformata. Disponível em:

https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/1_Paulo_Plantador_de_Igrejas_Augustus_Nicodemus.pdf Acesso em: 26 out 2024.

LOPEZ, Nimrod. Site *Colização pelo evangelho*. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/quem-era-jetro-o-sogro-de-moises> Acesso em: 25 out 2024.

MACARTHUR JR., John. *Pastores ou Potentados?* Site *Monergismo*. Disponível em: https://www.monergismo.com/textos/pastores/pastores_macarthur.htm . Acesso em: 15 mai. 2024

_____. *Com vergonha do evangelho - Quando a igreja se torna como o mundo*. São José dos Campos: Fiel, 2016.

_____. *Doze homens comuns*. São Paulo: Cultura Cristã. 2004.

MANUAL PRESBITERIANO. Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã. 2019. Site da IPB. Disponível em: <https://www.ipb.org.br/content/Downloads/Manual-Presbiteriano-2019.pdf>. Acesso em: 15 jul 2024

MAXWELL, John C., *As 21 irrefutáveis leis da liderança: siga-as e as pessoas os seguirão*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2000.

MCKINLEY, Mike. Site *Voltemos ao Evangelho*. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2024/10/a-formacao-de-lideres-como-algo-indispensavel-na-plantacao-de-igreja/#:~:text=VOC%C3%8A%20PRECISA%20LEVANTAR%20L%C3%8DDERES,ao%20cultivo%20de%20outros%20I%C3%ADderes>. Acesso em: 20 out 2024.

NEWTON, Phil A. *Formação de líderes na igreja local*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023.

NOVA VERSÃO INTERNACIONAL. *Bíblia Sagrada*: São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001.

NICHOLS, Stephen J. *Além das 95 teses*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2017.

PINK, Arthur W., *Deus é soberano*. São José dos Campos: Editora Fiel, 1997.

ROBERTSON, O. Palmer. *O Cristo dos Pactos*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SCHAEFFER, Francis. *O Deus que se revela*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

Segunda Confissão Helvética. Disponível em: <https://www.monergismo.com/textos/credos/seg-confissao-helvetica.pdf>. Acesso em: 20 fev 2025.

SHEDD, Russell Philip. *O líder que Deus usa: resgatando a liderança bíblica para a Igreja no novo milênio*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

SILVA, Samuel Costa da. *Liderança Eficaz*. Brasília: Editora Palavra, 2006.

SMETHURST, Matt. *Diaconos. Como eles servem e fortalecem a igreja*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2022.

SPROUL, Robert Charles. *Somos todos teólogos : uma introdução à teologia sistemática*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

STAHLHOEFER, Alexander. *A igreja Cristã*. Brasília: Editora 371, 2018

STOTT, John. *O chamado para líderes cristãos*. 2ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

STOTT, John. *O discípulo Radical*. Viçosa, MG: Ultimato, 2011.

SWINDOLL, Charles R. *Davi: Um Homem Segundo o Coração de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

TRIPP, Paul. *Liderança*. São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

TRUEMAN, C.R. *O imperativo confessional*, Brasília, DF: Editora Monergismo, 2012.

VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e Consumação*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

_____. *Revelação Messiânica no Antigo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

VAN GRONINGEN, Gerard e Harriet C. *A Família da Aliança*. 3ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2019

WALTKE, Bruce K. *Comentários do antigo Testamento - Gênesis*: São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2010.

WATERS, Guy Prentiss. *Como Jesus governa a igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.